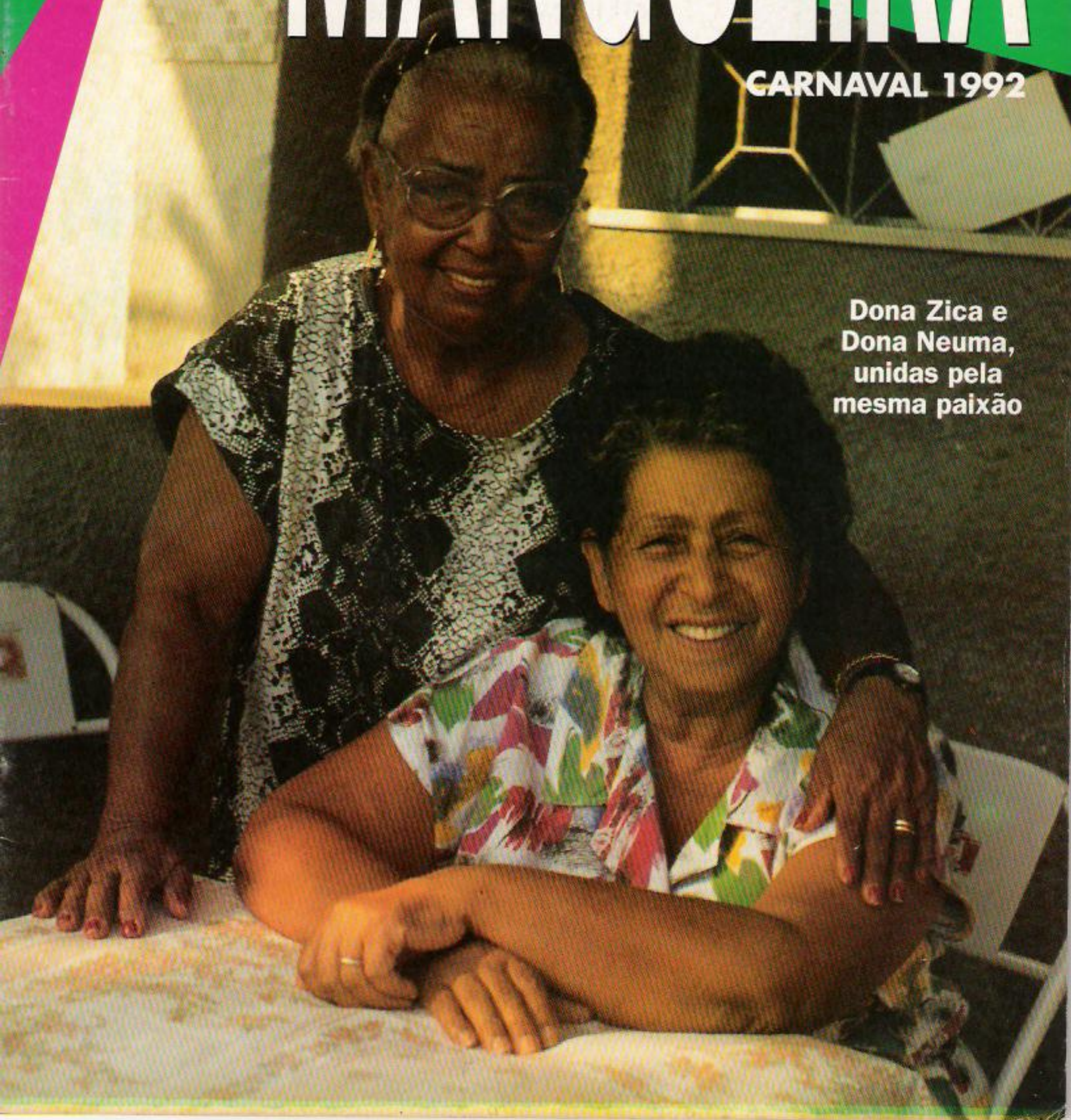




MANGUEIRA

CARNAVAL 1992

Dona Zica e
Dona Neuma,
unidas pela
mesma paixão



... "Tenho feito força
para viver honestamente".
Babaú e Ciro

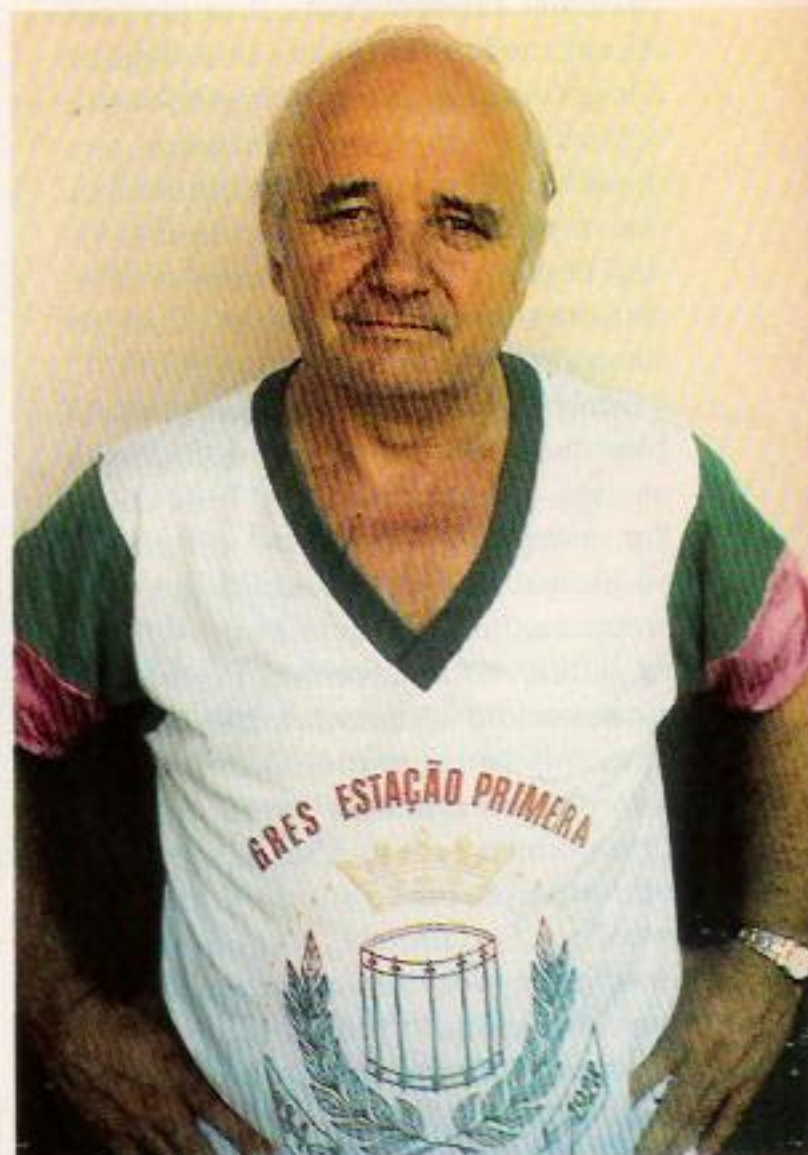
A Estação Primeira de Mangueira agradece a confiança que as empresas aqui mencionadas depositaram em seu projeto de manter a sua independência e identidade.

Shell
Guimarães Monteiro
Banco Nacional
Constecca
Votorantin
Capital
TV Globo
Andrade Gutierrez
Xerox
CBPO
Tintas Ipiranga
Encalso
Rio Brilhante
Ecisa
Palermont
Engetec
IBEC
Golden Cross
Plan-Service
Varig
Babylândia
Sharp
GTec
Banco Rural
TV Manchete

Estas foram as primeiras 25 empresas a nos apoiar. Antecipadamente, a Nação Mangueirense agradece às outras que já estão aderindo e às demais que em seguida se incorporarão ao nosso projeto.

Para o Presidente da Comissão de Carnaval, a receita do êxito é simples:

Nossa força depende da nossa união



Perci: a Mangueira acima de tudo.

De profissão, soldado. Verdadeira vocação: relações públicas. Abstêmio. Um conciliador, um apagador de incêndios. Inimigo número um da fofoca e da intriga. Hábil no trato com as pessoas, dedica-se permanentemente a aproximá-las. Um fazedor de amigos — para si e para os outros. Saudável mangueirense doente. Criativo, mas ponderado. Cortês até quando se exalta. Paciente, sabe ouvir. Fala pouco — mas com um microfone na mão dá o recado. Quem não o conhece pode imaginá-lo ingênuo. Ledo engano: sabe todos os truques e todos os blefes da malandragem. Humilde, durante muitos anos trabalhou anonimamente, inclusive no barracão, para ver a sua Estação Primeira respeitada e bonita. Neste ano de 1992 chega ao dia do desfile extenuado, mas feliz. Como presidente da Comissão de Carnaval, comandou dezenas de pessoas o tempo todo sem praticamente alterar a voz. Raras vezes foi acometido de

seu famoso e original tique nervoso, de piscar para cima.

Percival Pires, esse paulista de Taubaté que chegou à Mangueira em 1955, vindo da Cancela com o pai, mãe e cinco irmãos, morou cinco anos no Pindura-Saia (Rua Japurá 930, casa 1) sem tomar conhecimento do samba. Sua paixão na adolescência era o futebol. Em 1958, com o amigo Walter Miranda e outros companheiros de bola fundou o Vitória Futebol Clube — que, além do esporte, também promovia eventos sociais, como festas e piqueniques. A primeira aproximação da “turma do Vitória” com o Carnaval foi pela participação em blocos de sujos e em bailes de clubes. “Era uma época de alegria espontânea, bem diferente do Carnaval de hoje, planejado em computador”, recorda Percival.

Foi em 1960 que Perci — como o chamavam e ainda chamam hoje — que os rapazes do Vitória passaram a frequen-

tar a quadra da Mangueira, na Cerâmica, levados por Afonso Beiçola, então diretor da Escola. Incentivados também por dona Arinda, mulher do Waldemar da Água e antiga componente da Mangueira, Perci e seus antigos companheiros iniciavam, sem que à época soubessem, um caso de amor que os perseguiria pelo resto de suas vidas. Foram todos contaminados por um certo vírus que ataca o sangue, mudando sua cor para verde e rosa.

Embora defenda com vigor as tradições que as Escolas de Samba, em sua maioria, parecem esquecer, Perci não é um saudosista. "Saudosista", diz ele, "é aquele que vive agarrado ao passado e se recusa a enfrentar os desafios dos tempos modernos". Decididamente, Perci não é um destes. "O advento da televisão, com a transmissão dos desfiles via satélite para todo o país e o mundo", assinala Perci, "transformou a antiga festa de sambistas em espetáculo para a mídia". E aí vem a ressalva: "Isso não quer dizer que devamos nos submeter totalmente aos ditames do meio eletrônico, mas seria uma enorme bobagem fazer de conta que ele não existe".

Foi difícil, três semanas antes do Carnaval, imobilizar o Perci durante duas horas para esta entrevista:

Você se considera um sambista?

PERCI — Se sambista é todo aquele que considera o samba uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira, e luta pela sua preservação, eu sou um sambista. Além disso, há muitos anos saio na Escola e nunca fiz feio na avenida.

Diz-se muito que as Escolas de Samba perderam a autenticidade. Você concorda?

PERCI — Eu creio que a perda da autenticidade decorre em grande parte da perda da independência. Uma Escola de Samba tem que ser independente do ponto de vista financeiro e patrimonial para poder preservar a sua autenticidade. Se você depender totalmente de outra pessoa, você perde a sua personalidade, deixa de ter vontade própria, deixa de ter opinião. Com uma Escola é a mesma coisa. Se ela não encontrar meios e modos



“ Mangueira não tem nem nunca vai ter dono ”

de sobreviver por seus próprios recursos, acabará subserviente a quem a sustenta. E no dia em que o seu coronel for embora ela verá que não é ninguém.

A Mangueira corre esse risco?

PERCI — Felizmente, não. Nós em Mangueira somos pobres mas orgulhosos. Já enfrentamos todo tipo de dificuldades e nunca permitimos que ninguém, nenhum salvador da pátria, anulasse a nossa personalidade.

E onde a Mangueira consegue dinheiro para o Carnaval?

PERCI — Em muitas e variadas fontes. Aliás, esse é o segredo. Aceitando ajuda de muitos, você não corre o risco de

depender de poucos, ou de um só. Porque aí esse um vira dono. Mangueira não tem nem nunca vai ter dono. Sua dona é a comunidade, a Nação Mangueirense, como nós falamos. Em Mangueira há muito tempo se pratica a democracia, coisa relativamente nova no Brasil.

Você não respondeu. Onde conseguir recursos financeiros?

PERCI — Não existe uma fórmula, existem variáveis. No caso da Mangueira, para este Carnaval de 92, montou-se um projeto muito amplo, muito abrangente, que incluía o esquema de captação de recursos financeiros. Esse esquema funcionou, e muito bem. Tanto que a Escola termina o seu Carnaval, um grande Carnaval, sem dever nada a ninguém e com dinheiro em caixa. Para não deixar a pergunta sem resposta, eu posso dizer que a Mangueira conseguiu esses recursos por meio da contribuição de dezenas de empresas.

Foi fácil captar esses recursos junto às empresas?

PERCI — Não foi fácil, porque vivemos tempos difíceis. Ninguém veio bater na nossa porta oferecendo dinheiro. Nós é que corremos atrás. Mas, não fomos às empresas com um livro de ouro na mão, como quem pede um donativo. E aí vem a importância do projeto a que me referi antes. Veja bem: nos meses de outubro e novembro, a Comissão de Carnaval realizou a gravação de dois discos. "No Tom da Mangueira", volumes 1 e 2. Trata-se de um disco antológico, produzido por esse mangueirense admirável que é o Hermínio Bello de Carvalho. Além do disco, a Comissão de Carnaval realizou, em novembro, um recital do Tom Jobim na quadra da Escola. Esse recital foi gravado e exibido como especial de fim de ano pela Rede Manchete. Assim como no caso do disco, a Mangueira é a proprietária dos direitos autorais do vídeo. Para completar, o Ziraldo, esse grande artista gráfico, criou um desenho bellissimo: um logotipo para a Mangueira, com a bandeira do Brasil nas cores verde e rosa.

E daí, o que aconteceu?

PERCI — Aconteceu que o disco, o vídeo e as camisetas com o desenho do

Ziraldos foram transformados em um pacote que nós vendemos para grandes empresas distribuírem a seus clientes como brinde. Essas empresas foram agraciadas com o Troféu Cartola de Ouro e o diploma de Benfeitor da Mangueira, atribuído pelo Conselho. Você nota a diferença? Nós não pedimos ajuda no livro de ouro. Nós oferecemos um pacote de brindes de primeiríssima qualidade, suficientemente atraente para as empresas se interessarem por ele.

Esse pode ser um caminho para outras Escolas?

PERCI — Claro que pode. Se não for exatamente esse, pode ser um atalho, algo parecido com isso. No nosso caso, e isso pode não valer para todas as outras Escolas, nós apostamos na força do nome Mangueira. É impressionante como esse nome é forte. E não apenas forte, mas também limpo, respeitado. Eu conversei com alguns dos mais poderosos empresários deste país. Todos me receberam com enorme simpatia e admiração porque se tratava da Mangueira. Por menos que eles conheçam de Carnaval e de Escolas de Samba, eles sabem que Mangueira é coisa séria, tem raízes, tem tradição e não tem dono.

Você disse que o tal projeto era abrangente. O que mais continua?

PERCI — Ele continha, antes de tudo, uma idéia central: a de que unidos somos fortes, e fortes somos invencíveis. Mas, para sermos unidos, temos que saber construir essa união. Então, o projeto começava por deflagrar um toque de reunir, com o objetivo de trazer de volta à Escola aqueles grandes mangueirenses que, por algum motivo, haviam se afastado. Mas, para essas pessoas voltarem, elas precisam estar certas de que a causa é nobre. Elas só voltariam, como voltaram, por amor à Mangueira, e não para servir de escada para ninguém. Essa é uma característica importantíssima do projeto: nada de estrelismos, nada de personalismos. Se alguém tem que brilhar, esse alguém é a Mangueira.

Então o projeto previa o anonimato de algumas pessoas?

PERCI — Exatamente. Eu tenho al-



“
Nós demos um
toque de reunir —
e tudo mudou
”

guns colaboradores na Comissão de Carnaval que me proibiram de citar o nome deles nesta entrevista ou em qualquer outra. O sucesso do projeto e o sucesso da Mangueira neste Carnaval deve muito a eles, mas eles não querem aparecer.

Voltando ao “toque de reunir”. Como funciona?

PERCI — A volta de grandes mangueirenses deu uma força enorme ao projeto. Basta citar um exemplo: a volta do mestre Xangô, um dos nomes mais respeitados do samba carioca. Ele estava afastado, tinha lá os seus motivos. Voltou para comandar a Harmonia da Escola com um time de auxiliares da maior competência

e restabeleceu a confiança dos mangueirenses em suas próprias forças. Além de competente, Xangô é uma figura carismática, um líder.

Quem foram os seus mestres na Mangueira?

PERCI — Tive muitos, e bons. Em termos de divulgação, o grande mestre foi o Bira. Já os mistérios da quadra, quem me ensinou foi Seu Tinguinha. Aprendi muito com a Neuma, principalmente sobre comunicabilidade. E também com o Djalma dos Santos, que sabe tudo. As coisas do Barracão eu aprendi com o Melão e com o Carlinhos Dória no tempo em que nós três dávamos duro por lá. A Zica também me ensinou muita coisa, assim como Sinhozinho. Se não aprendi o suficiente, é porque fui mau aluno.

Você será candidato a presidente da Escola?

PERCI — Eu sou candidato, aliás candidatíssimo, mas a campeão do Carnaval de 92, juntamente com todos os mangueirenses. Não tenho nenhum plano de ordem pessoal. Para mim, o que interessa é ver a Mangueira lá em cima, no topo da glória. Creio que até falo isso com alguma autoridade, pois tenho me empenhado muito neste Carnaval e não sou o presidente da Escola. O que eu quero dizer, em suma, é que essa questão de presidência é menor quando todos se unem para trabalhar, cada um fazendo a sua parte. Sem vaidades, pensando apenas no bem da Estação Primeira.

Que recado você deixa para os mais jovens?

PERCI — Que sigam o exemplo dos mais velhos. Que respeitem o que representam para a Mangueira figuras como Tio Jair, Carlos Cachça, Neuma, Zica, Ed Miranda e tantos mais. Que lembrem que a Mangueira foi criada por Saturnino Gonçalves, Cartola, nomes que fazem parte da História. Que Mangueira inspirou Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Hélio Turco, todos grandes poetas. Enfim, que se empenhem para preservar esse passado de glória e tenham ânimo para ajudar a construir um futuro digno das nossas melhores tradições.

Volta por cima

*Bate outra vez/Com esperança
o meu coração... — de "As Rosas
Não Falam", de Cartola.*

Entre fevereiro de 1991 e hoje, a Estação Primeira de Mangueira viveu um ano revolucionário. Saída, por decisão da comissão julgadora, em 12º lugar na classificação do desfile do ano passado, a Verde e Rosa se apresenta agora em condições de ganhar o campeonato. Ganhe ou não, o importante é que a Escola reconquistou algo muito mais valioso: a autoestima. Renasce em cada coração mangueirense aquele sentimento de orgulho e aquela alegria de ver o pavilhão Verde e Rosa respeitado por todos.

O que permitiu e promoveu essa virada foi um sentimento generalizado, que tomou conta de toda a comunidade, de fazer a Mangueira reencontrar-se consigo mesma. Como se alguém gritasse: Mangueira, mostra a tua cara! E ela resolveu mostrar.

Por isso está hoje toda faceira, parecendo a cabrocha que mostra o gingado segurando as cadeiras, os olhos virados, a malícia na boca molhada de amor. Mas, que ninguém se atreva a desrespeitá-la. A cabrocha Mangueira se agita, faz escarceu, não há força humana que segure essa criatura. E foi exatamente o que ela fez quando se sentiu humilhada. Enxugou a lágrima, empinou o nariz e declarou à nação: Sabem quem eu sou? Eu sou a Mangueira!

Neste exato momento começou a revolução. Durante meses silenciosa, foi armazenando forças. Pôs a cabeça para funcionar, inventou meios e modos de levantar recursos financeiros e deixou claro, o tempo inteiro, que o objetivo não era glorificar ninguém, individualmente, nem mesmo um grupo de pessoas. A meta a atingir, e que foi atingida, era o reencontro da Estação Primeira com as

suas próprias raízes e as suas mais fundas tradições.

Divergências pessoais foram colocadas de lado, opiniões conflitantes procuraram sinceramente o ponto de encontro. Mangueirenses notáveis, que andaram meio afastados, foram se chegando. Aos poucos, até mesmo sem comentar, as pessoas foram sentindo que este era o caminho certo — e perseveraram. Hoje a Escola está unida, forte, alegre, feliz consigo mesma.

Como terá sido possível caminhar tanto, tão rápido, em tão pouco tempo? A resposta a esta indagação não está disponível nos domínios do racional. O buraco é muito, muito mais em baixo. A explicação está nesse coisa mágica, que é só energia e sentimento, chamada paixão. Foi a paixão que amarrou a todos com o seu laço e a todos conduziu para a mesma direção.

Mas, a comemoração desta conquista não teria sentido se ela se esvaísse nas cinzas da quarta-feira. Ela deve ter, desde já, um compromisso com o futuro. A volta por cima que Mangueira deu este ano deve ficar alicerces nos mesmos atributos que proporcionaram essa arrancada. Trata-se, concretamente, de manter viva e forte a nossa unidade, com o mesmo zelo com que ao longo do ano conseguimos construí-la.

Para nós mangueirenses essa tarefa tornou-se uma questão de honra. É um dogma, em torno do qual não cabe discussão. Temos, sim, muitos outros temas a discutir, divergências eventuais sobre esse ou aquele assunto, essa ou aquela maneira de fazer as coisas. Tudo bem, numa democracia é assim mesmo que as coisas acontecem. Mas, a unidade não está em discussão — ela é a marca da nossa própria identidade. Já que tivemos inspiração e juízo para chegar aonde chegamos, resta-nos o dever de preservar esse patrimônio. É o que as gerações futuras cobrarão de nós.



DIRETORIA

Presidente	José Ananias de Marcelos
Vice-Presidente	Orlandino P. Justo (+)
Secretaria	Eli Gonçalves da Silva Eliane Terezinha
Depto. de Finanças	Raimundo de Castro Dante Careli
Depto. Social	Norma de Lima Celeste Muller
Depto. Jurídico	Alycane Pinto Barreto Artur Bittencourt Rosa
Depto. Cultural	Margarida Jesuino da Silva Maria Helena Vieira
Depto. de Patrimônio	Jair Campos da Silva Waldir de Almeida
Depto. de Harmonia	Olivério Ferreira - Xangô Hegio Laurindo da Silva - Delegado
Depto. de Divulgação	Osni Santos Melo Alberto Miranda
Depto. de Esportes	Francisco de Carvalho Marco Antonio Gomes
Depto. de Feminino	Neuma Gonçalves da Silva Dulcineia Paes
Depto. Médico	Fernando Olinto
Procuradores	Armando Félix de Souza Arnaldo Félix de Souza

CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL

Presidente	Ed Miranda Rosa
Vice-Presidente	Homero José dos Santos - Tinguinho

COMISSÃO DE CARNAVAL

Presidente	Percival Pires
Vice-Presidente	Eli Gonçalves da Silva
Membros	Alycane Pinto Barreto Ana Maria Magalhães Arthur L. de Oliveira Filho Celeste Muller Ed Miranda Rosa Eliane Terezinha Ellis Pinheiro Francisco de Carvalho Genilson Gonzaga Ilymar Magalhães Irineu Pires João Carlos Martins José Ananias de Marcelos José Maria Guimarães Monteiro Luerte Rafael Margarida Jesuino Maria Helena Vieira Márcia Barboza Nelson Starino Nilton de Oliveira Norma de Lima Osvaldo Martins Raimundo de Castro Ricardo Veloso Roberto Firmiano Walter Miranda

Agora, vamos à luta!

José Ananias de Marcelos

Este carnaval de 1992 é um marco na história da nossa querida Estação Primeira. Graças à união dos manguei-rensens, ao esforço da comunidade e à contribuição de amigos interessados em preservar o samba, a Verde e Rosa entra na avenida como que dizendo Estou Viva! Estou Forte! Estou Bonita!

Só quem não conhece a Mangueira e os manguei-rensens poderia imaginar coisa diferente. E quem imaginou coisa diferente deu-se mal. A Mangueira tem uma força mágica, difícil de explicar com palavras. Quando as pessoas sinceras e sem malda-de no peito falam de Mangueira o fazem como quem levanta uma prece. Talvez esteja aí, quem sabe, a explicação. Man-gueira pertence às coisas do céu e seus filhos queridos como Cartola, Aloísio, Nelson e muitos outros hoje são santos.

Mas, o diabo não tira férias. Está sempre procurando uma forma de tumultuar a paz celestial. E, no samba, o seu alvo é sempre Mangueira. Desista, capeta, que nossa fé é mais forte. Nossa energia a tudo supera. Nossa união é indestrutível. Nos-sas dificuldades fazem parte da nossa história e, ao longo de 64 anos, aprende-mos a conviver com elas. Nossas dificul-dades, sobretudo as de ordem financeira, decorrem de uma opção definitiva e irremovível pela independência.

Como presidente da Estação Primeira de Mangueira estou à vontade para falar sobre essas dificuldades. Assumi o cargo e os encargos dessa tarefa difícil cheio de esperanças no coração. Sabia que nada seria fácil, mas contava com o empenho dos diretores, dos amigos e, sobretudo, da comunidade. Enfrentamos juntos os car-navais de 90 e de 91 com problemas



Ananias: esta vez é nossa.

Para Mangueira o importante é manter intacta a sua dignidade

terríveis de falta de recursos — mas, inde-pendentemente de classificações, me re-conforta saber que a Mangueira manteve intacta a sua dignidade.

É essa dignidade que faz a Mangueira forte como é. Este ano, com um novo projeto e com a participação de um núme-ro maior de pessoas, reolocamos a Man-gueira no lugar de destaque que lhe é

devido. A Diretoria nomeou uma Comis-são de Carnaval (da qual eu próprio e vários diretores fazem parte) que desen-volveu um trabalho brilhante. Além de levantar recursos para o desfile, a Comis-são de Carnaval ainda encontrou meios para reformar a quadra e cobrir o barra-ção. Eu tinha que fazer esse registro, por um dever de justiça.

Essa simbiose Diretoria-Comissão de Carnaval, fruto da união e do bem-querer à Mangueira, tem sido uma empreitada bem sucedida. E ela só se tornou possível com a renúncia, de todos nós, à glória individual. Com humildade e com senso do dever, pensando sempre no bem da Mangueira, eliminamos todo e qualquer tipo de personalismo e de ambições pes-soais para trabalhar em torno de um único objetivo: engrandecer a nossa Escola. Amigos queridos até me cobram um grau de exposição pública que, como Presi-dente, eles acham que eu deveria ter. Não recuso tarefas inerentes ao cargo que ocupo. Falo em nome da Mangueira e a de-fendo perante quem quer que seja. Mas não persigo a fama nem faço da Presidên-cia um trampolim para o êxito pessoal.

Já que a Mangueira é diferente das outras, o seu presidente também tem que adotar uma conduta diferente. Estou con-vençado de que este é o caminho certo — e o resultado do desfile, este ano, vai comprovar a minha convicção. Hoje te-mos, concretamente, todas as condições para disputar o título. Se depender da nossa garra e do nosso empenho, vamos conseguir. À luta, manguei-rensens, que esta vez é nossa. Vamos mais uma vez mostrar ao mundo quem é a Estação Pri-meira de Mangueira!

Um Projeto para a Mangueira



Em fevereiro de 1991, um grupo de mangueirenses elaborou, sob a coordenação de Percival Pires, um projeto para a Mangueira. Esse projeto, aprovado pela Diretoria e imediatamente posto em prática, prevê dois tipos de ações: as de curto prazo, que visam ao Carnaval de 92, e as de médio e longo prazos, que ambicionam contribuir para a construção do futuro.

Os objetivos de curto prazo já foram alcançados — e até superados. A Mangueira voltou a ser favorita, na opinião da imprensa e das próprias co-irmãs. No entanto, mais importante que reconquistar o favoritismo é a reconquista da sua própria identidade. O ponto central do projeto é devolver à Mangueira a cara que ela tem.

Como fazer isso? A resposta é uma só: estimulando a comunidade a participar. E o que é a comunidade? São os mangueirenses do morro, dos arredores, da Zona Norte. Mas, além da comunidade, era preciso aglutinar toda a Nação Mangueirense, que se espalha por todo o Rio de Janeiro e por vários pontos do país — afinal, trata-se de uma nação! Os mangueirenses que estavam afastados voltaram. Não é o caso, neste espaço, de citar nomes — mesmo porque, todos sabemos quem eles (e elas) são.

O estímulo à participação da comunidade, principalmente no desfile da Escola, passava por um obstáculo real: o preço da fantasia. Nos dias de hoje, infelizmen-

te, muitos componentes foram obrigados a desistir de desfilar por causa do preço. É uma tristeza ver um mangueirense assistir o desfile espremido na grade do viaduto enquanto um turista endinheirado, que nem sambar sabe, saúda o público da Marquês de Sapucaí. O projeto atacou esse problema de frente: com os recursos levantados pela Comissão de Carnaval foram confeccionadas 2.150 fantasias, vendidas aos mais carentes a preços acessíveis e, até, simbólicos. Isso, trocado em miúdos, quer dizer Mangueira com cara de Mangueira.

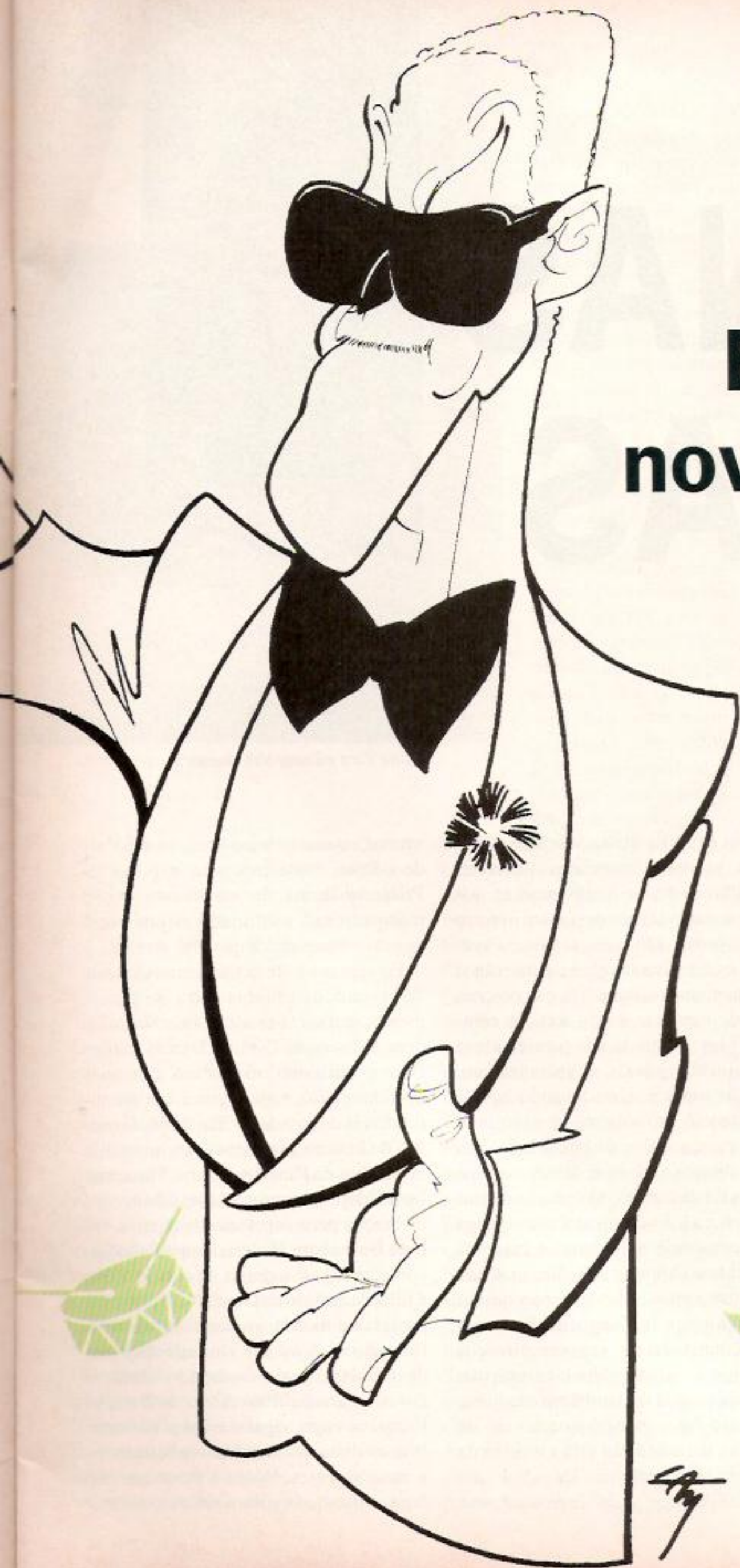
Outra virada do projeto foi a de dar um basta à exploração. Alguns setores, empresariais ou não, se acostumaram a solicitar ajuda à Mangueira sem a justa recompensa. Isso acabou. Para uma empresa ou instituição ter o nome Mangueira ligado ao seu ter que pagar à Escola o que ela realmente vale — e vale muito! Ao longo dos últimos meses, esse assunto foi conduzido com uma postura e uma linguagem que os empresários conhecem: educada, mas firme; toma lá dá cá. E aí se descobre uma boa surpresa. Muitas empresas e empresários estão abertos a colaborar e a tratar seriamente de negócios. Essa experiência do trato com empresários tem sido altamente positiva — e a Mangueira só tem a agradecer, como neste momento agradece.

Mas, se a quadra foi reformada, a co-

bertura do barracão adquirida (agora ela é patrimônio da Escola) e o Carnaval viabilizado, muito ainda resta a fazer. Resta implantar as medidas de médio e longo prazos previstas no projeto. Nesse ponto, uma das questões mais importantes é a que diz respeito ao aspecto cultural. A Mangueira é, hoje, uma das mais importantes instituições culturais do Brasil. Precisamos nos organizar para fazer face a tamanha responsabilidade.

Uma idéia lançada pelo projeto é a que sugere a criação da Fundação Mangueira, entidade de direito privado vinculada ao Grêmio, mas com vida autônoma. Caberia à Fundação criar um banco de dados (informatizado, é claro) que reunisse todas as informações a respeito da Escola, desde antes da sua fundação em abril de 1928. À Fundação Mangueira poderiam convergir projetos já em andamento, como o do Museu e da Escola de Música, ambos dignos de todo apoio — mas que não devem, salvo engano, estar inseridos na estrutura administrativa da Escola.

A Fundação Mangueira teria a cumprir, pelo aspecto cultural, papel semelhante ao já desenvolvido — e com extraordinário êxito — pela Vila Olímpica, pelo Camp e pelo Posto Médico no campo social. Esse assunto deverá ser debatido após o Carnaval, quem sabe em abril. Fica colocada esta semente.



E um modo novo de obter recursos

O projeto de marketing desenvolvido pela Comissão de Carnaval para levantar recursos financeiros recebeu o nome de "No Tom da Mangueira" — o título dos discos que dele fazem parte. Além dos discos, o projeto incluiu o vídeo com o recital de Tom Jobim, gravado na quadra da Escola, e as camisetas desenhadas por Ziraldo. As empresas que aderiram ao projeto comprando 200 discos, 200 cópias do vídeo e 1 000 camisetas, ao preço de 15 mil dólares, receberam o troféu Cartola de Ouro, um diploma e oito ingressos para camarote na Marquês de Sapucaí. As empresas que adquiriram a metade daquelas quantidades (100 discos, 100 vídeos e 500 camisetas) foram contempladas com o troféu Cartola de Prata, um diploma e quatro ingressos para camarote. Dessa forma, a Mangueira conseguiu os recursos de que necessitava, sem pedir favor a ninguém. E, as empresas aderentes ao projeto, tiveram a oportunidade de distribuir a seus clientes, como brinde, três obras de arte da melhor qualidade — o disco, o vídeo e as camisetas. Algumas dessas empresas fizeram a sua distribuição no Exterior. Como parte do Projeto mais amplo (descrito na página anterior), "No Tom da Mangueira" mostrou ser uma iniciativa original, adequada às circunstâncias e sem dúvida eficiente. Afinal, ela garantiu o nosso Carnaval.



DIVINAS DAMAS

Hermínio Bello de Carvalho

Em comum, até que as duas têm muitíssima coisa, embora não aparentem. A gente não pode é afirmar que sejam unha-e-carne, corda e caçamba, ou que uma seja a exata sombra da outra. Já as flagramos em trincheiras opostas, ensarilhando estilingues verbais de forma exagitada, cada uma defendendo a Escola com unhas e dentes e cabelos desgrenhados, na defesa de posições que, depois se via, em nada se desassemelhavam. Porque a paixão pela Mangueira implica em divergências ora factuais ora episódicas, quase sempre ilógicas e, conseqüentemente, inexplicáveis e irracionais. E é nessas horas que a balança do emocional faz pender para um exacerbado passionalismo que, algumas vezes, as fizeram submergir naquele conturbado epicentro onde geograficamente se situam os terremotos das velhas, saudáveis e tradicionais tradições mangueirenses. Nesses momentos, felizmente poucos, aflora a herança legada pelos velhos Arengueiros que fundaram a Escola, quizumbeiros que aprontavam poucas e boas, deixando

o morro em polvorosa. Mas elas vão à luta sem as armas convencionais daqueles maravilhosos bader-neiros, sem as rasteiras e navalhadas que deixavam o morro em polvorosa. São queixas a meia voz, amuos e choradeiras pelos cantos, olhos permanentemente aguados, os corações pulsando que nem surdo fora de compasso. Mas, como as tais paralelas que racionalmente jamais se encontrariam, ei-las, de repente, abandonando aquele paiol repleto de pólvora, convergindo unidas para acordos de paz selados em meio a abraços e, já se vê, desnecessários pedidos de desculpas. O coração dessas adoráveis e adolescentes senhoras se nega a ser repositório de mágoas e rancores mesquinhos. Arengueiras sim, mas nos momentos certos. Mas que não ousem macular a honra da Mangueira. Porque aí se metamorfoseiam em vampirescos demônios e viram unha-e-carne, que aonde vai a corda vai também a caçamba, se preciso for com bodoque e vara de marmelo. E uma só não vira a sombra da outra porque os refletores da vida foram ajustados para que se iluminassem com a



Dona Zica e Dona Neuma: as...

mesma intensidade no firmamento Verde-e-Rosa, onde repartem o posto de Primeira-Dama da magestosa nação mangueireNSE, usufruindo as pompas e glórias e honrarias a que têm direito.

Falo, já se vê, de dona Neuma Gonçalves e de dona Euzébia Silva do Nascimento, melhor dizendo: Dona Neuma e dona Zica, essas Divinas Damas gorduchas e um tanto arruaceiras (no bom sentido, claro), hoje logomarcas inconfundíveis da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tão conhecidas quanto os bondinhos do Pão de Açúcar, o Maracanã ou o Cristo Redentor, elas também com os braços permanentemente abertos sobre a Guanabara. Poderiam ser tombadas, como bens patrimoniais da cidade. Uma é filha de Saturnino Gonçalves, primeiro presidente da Mangueira e um de seus fundadores. A outra é viúva de Angenor de Oliveira, mais conhecido como o Divino Cartola, filho dileto da Estação Primeira, cujas vigas e estacas ele também ajudou a fincar, inclusive batizando-a com as cores Verde-e-Rosa que até hoje a Escola orgulhosamente ostenta.



...primeiras-damas da Mangueira.

Saturnino e Cartola, assim como Carlos Cachaca, eram remanescentes do Bloco dos Arengueiros, constituído também por Chico Porrão, Arturzinho, Zé Espinguela, Homem Bom e Fiúca, entre outros memoráveis arruaceiros — no mais amplo sentido, como se pode imaginar. Todos bons de samba, de briga e de copo. Um dia, 28 de abril de 1928, resolveram aquietar os fachos. Foi aí então que o Bloco virou Escola, a nossa Divina Estação Primeira de Mangueira.

De copo, dona Neuma é imbatível. Vai firme nas “louras” estupidamente geladas, sorvidas estrepitosamente, a pretexto de tudo ou de nada, e quase sempre em quantidades pluviais. Zica já não é do ramo: vai mesmo é de guaraná e refrescos borbulhantes, e guarda uma certa ojeriza pelo álcool — já que o finado Cartola bebeu por ela, pelo morro da Mangueira, e por todas as gerações que irão nos suceder. Iguais aos Arengueiros, Neuma e Zica são boas de samba no pé. E, nessas horas, não existe idade nem excesso de peso na balança: flutuam que nem plumas sobre o chão batido, na mais

firme tradição da Escola. Ninguém dá os 80 anos que Zica fará ano que vem, e nem os setenta que Nauma vai completar agora em maio. São também boas de briga. Na hora do destampatório, Neuma é mais contundente ao esgrimir verbalmente com os adversários: possui idioma próprio, com dialetos e anagramas que ela mesmo criou. Falemos claro: é palavrão mesmo, com todos os efes e erres e pês concedidos pela gramática que ela domina com uma destreza que, reconhecamos, falta à Zica. Essa eu já flagrei, em pleno desfile, dando uma boa banana para uns desafetos que teimavam em vaiar a Mangueira. Vai pouco além disso: um suave puta que o pariu, um merda e olhe lá. Resumindo: uma usa o verbo, a outra mais o gestual. Mas ambas com inegável expressividade.

Claro que são personalidades nada simples. Zica, essa eu a conheço mais de perto. Afinal, a conduzi ao altar em 23 de outubro de 1964, e a entreguei ao Divino Cartola para que a tomasse como esposa pelas leis oficiais e religiosas. Eu a conheci em 62, há trinta anos, portanto. Moravam de favor, ela e o Divino, na sede da Associação das Escolas de Samba, perto da Getúlio Vargas. Zica sempre foi de arregaçar as mangas, de ir à luta. Preparava marmitas que ia vender, sob chuva ou sol, aos motoristas que faziam ponto na Praça Mauá. Já a nossa Neuma nunca teve que se afastar da Mangueira como, contingencialmente, Zica foi obrigada a fazer, quando assumiu as rédeas da descompassada vida do companheiro. Neuma também jamais teve vida fácil. enviuvou cedo, e ralou para educar os filhos. A Mangueira é a sua grande família, que ela conhece na palma das mãos. Sabe quem está descendo pro trabalho de marmita vazia, é uma assistêmica e nada convencional educadora dos moleques do morro, aqueles mais avessos às salas de aula. Ensina primeiro a escrever os palavrões a que estão familiarizados,

meio caminho andado para depois instruir o que é oração, verbo, predicado, sujeito — essas coisas. Certa vez encasquetou que a Mangueira tinha que entrar na era da informatização. Chegou mesmo a receber a promessa de doação de três computadores, mas o pessoal da Escola parece que não se sensibilizou com a idéia. Diante da indiferença da turma, desabafou. “Porra, não é pra mim que eu quero essa merda. Eu não trepo há 40 anos, pra que é que eu preciso de computador?”. Ninguém entendeu nada, mas Neuma é assim mesmo. No meio de uma cerimônia de casamento é capaz de, vasando lágrimas, desabafar para o perplexo poeta que vos fala: “Ah, mas que saudades do meu cabaço!” Certa vez, Carlos Drummond de Andrade me telefonou apavorado: um jornal queria entrevistá-lo junto com a Neuma, que ele não conhecia pessoalmente. Confesso que torci pelo encontro, por sinal irrealizado. Drummond, estou quase certo, traçaria um exato perfil dessa mulher do povo, desprovida de qualquer pavonice. Quando a questioneei sobre determinados candidatos que espalhavam faixas pelo morro, foi taxativa: “A gente deixa: depois a gente arranca, lava e faz fraldas, roupa de cama, pano de prato”. Pragmatismo é isso aí.

Sob o olhar abstêmio e vigilante de Zica, eu e Neuma bebemos quantidades industriais de diversos álcoois na extinta Biroasca da Efigênia do Balbino, lá no Buraco Quente, na companhia de Cartola, Menininha do Carlos Cachaca e do próprio titular do apelido. Esses trabalhos eram eventualmente partilhados ou assistidos pelo velho Massu, que foi o primeiro Mestre-Sala da Escola, e também por Padeirinho, Leleo, Zagaia, Pelado, Nair Pequena, Nelson Sargento e Preto Rico. De quando em vez, mãe Clementina de Jesus aparecia por lá com seu acólito e anjo da guarda, o estivador Albino Pé Grande. Velha Biroasca, igual à saudosa Taberna da Glória que permanece viva em minhas lembranças.

Uma na famosa cozinha de sua casa e outra nos batidores políticos da Escola, Zica e Neuma vão cumprindo seus papéis de Primeiras e Divinas Damas de Mangueira, Estação Primeira e Única de suas vidas.



“NO TOM DA MANGUEIRA” — VOLUMES I E II

O DISCO

Para começar, não se trata de um disco — são dois. E muito menos de um disco qualquer, mas de uma obra prima. “No Tom da Mangueira — Volumes I e II”, realizados em outubro e novembro do ano passado pela Comissão de Carnaval, são duas jóias raras em matéria de qualidade, apuro técnico, beleza e importância histórica.

Quando a Comissão de Carnaval decidiu levar a diante esse projeto teve a felicidade de bater na porta certa: a do poeta e compositor mangueirense Hermínio Bello de Carvalho (autor, em parceria com Paulinho da Viola, de “Sei Lá, Mangueira” e de muitas outras parcerias famosas com Cartola, seu afilhado de casamento). Hermínio apaixonou-se pela idéia e começou a trabalhar. Escolheu o repertório e logo percebeu que tanta beleza não caberia em um disco só.

Como produtor artístico dos dis-

cos, Hermínio dirigiu uma equipe de primeiríssimo time, seja quanto aos intérpretes dos sambas, seja quanto aos demais artistas que o auxiliaram na produção. O resultado não poderia ser outro: dois discos antológicos.

Esses discos fazem parte do pacote que a Comissão de Carnaval negociou com empresas, para serem distribuídos como brindes (o pacote inclui ainda o vídeo do recital de Tom Jobim na Mangueira e camisetas desenhadas por Ziraldo). Por essa razão os discos ainda não chegaram às lojas, o que ocorrerá brevemente. Nessa ocasião haverá, além dos LPs, as versões em fita cassete e CD.

A primeira faixa do Volume I traz um samba inédito, intitulado “Piano na Mangueira”, de autoria de Tom Jobim e Chico Buarque. Nas demais faixas do Volume I estão: “Fala Mangueira”, e “Mangueira”, com Gal Costa; “Nasceste de uma Semente” e “Semente do Samba”, com Ney Ma-

togrosso, Rafael Rabello e Clementina de Jesus; “Folhas Secas”, com Zezé Gonzaga e Baden Powell; “Não Quero Mais Amar a Ninguém”, “Pranto de Poeta” e “Fiz Por Você o Que Pude”, com Tom Jobim, Carlos Cachça, Claudio Nucci, Paulinho da Viola e Cartola; “Quando o Samba Acabou”, com Alaíde Costa; “Mangueira Não”, “Saudosa Mangueira”, “Lá em Mangueira” e “Praça Onze”, com Herivelto Martins, Alcione, Marçal, Beth Carvalho e Peri Ribeiro.

No segundo disco, o Volume II, o repertório também é de primeira: “Meninos da Mangueira”, com Sandra de Sá; “Sabiá de Mangueira” e “Despedida de Mangueira”, com Joyce e Johnny Alf; “Rei Vagabundo”, “A Mangueira me Chama” e “Sempre Mangueira”, com Nelson Cavaquinho; “A Mais Querida”, com Leci Brandão; “Exaltação a Mangueira”, “Sei Lá, Mangueira” e “Mundo de Zinco”, com Chico Buarque, Caetano

Piano na Mangueira

Tom Jobim e Chico Buarque

Mangueira

Estou aqui na plataforma da
Estação

Primeira

O morro veio me chamar
De terno branco e chapéu de
palha

Vou me apresentar

À minha nova (majestosa)
parceria

Mandei subir meu piano para
Mangueira

A minha música não é de levantar
Poeira

Mas pode entrar no barracão
Onde a cabrocha pendura a saia
No amanhecer da quarta-feira

Mangueira

Estação Primeira

Pela vida inteira



Beth, Tom e Alcione: uma noite de puro encantamento.

TOM JOBIM NA QUADRA DA MANGUEIRA

O RECITAL

Veloso e Paulinho da Viola; “Primavera”, com Maria Bethânia e Garganta Profunda; “Enquanto Houver Mangueira”, “Onde Estão os Tamborins” e “Levanta, Mangueira”, com Benito di Paula, Ivan Lins e Elza Soares.

Importante ressaltar que esse timaço de intérpretes — os melhores da música popular brasileira — trabalhou praticamente de graça. Vários deles simplesmente não cobraram cachê; outros, tão somente um cachê simbólico. Todos, com enorme dedicação, fizeram questão de participar dos discos para, assim, dar a sua contribuição à Mangueira.

Para juntar tanta gente famosa no estúdio, Hermínio Bello de Carvalho teve de fazer verdadeiros malabarismos. Afinal, conciliar as agendas cheias de compromissos de todos eles com as datas e horários de gravação foi um sufoco. Mas, valeu a pena. “É um dos discos mais importantes da minha vida”, comemora Hermínio.

Foi uma noite histórica. A quadra da Mangueira lotada e um foco de luz iluminando o piano austríaco em que Tom Jobim tocava, emocionado, os maiores sucessos da sua carreira. O público também se emocionou, e cantou junto com Tom e sua Banda Nova. Houve momentos de puro encantamento, como aquele em que Tom, só ele e o piano, cantou e tocou “Luiza”. E houve também instantes de enorme vibração, como quando Tom, Alcione e Beth Carvalho cantaram “Rugas” e “Exaltação a Mangueira”. Houve, finalmente, o delírio total, no encerramento, com a bateria marcando o ritmo e todos cantando o Samba de Enredo de 92, “Se Todos Fossem Iguais a Você”.

Fazer esse recital na quadra da Estação Primeira foi a forma que Tom Jobim encontrou para agradecer à Escola a homenagem que recebe ao ter a sua obra musical como tema do enredo da Mangueira no Carnaval. Tom chegou ao Palácio do Samba às três da tarde, para passar o som, acompanhado dos músicos e de suas vocalistas. Quando desceu do ônibus e olhou para a fachada da Sede da

Mangueira, parou por um instante antes de subir os primeiros degraus. “É emoção de mais”, disse. “Não sei se vou aguentar”. E, discretamente, colocou um Isordil embaixo da língua.

O espetáculo, à noite, foi gravado pela televisão com direção de Roberto Talma e iluminação de Peter Gasper, duas feras. Essa gravação foi ao ar nos dias 29 de dezembro e 5 de janeiro, pela Rede Manchete, para todo o país. Na platéia, bem próximo ao palco, a Comissão de Carnaval, organizadora do evento, reservou mesas e cadeiras para algumas personalidades muito importantes: João Cocada (que esteve esta noite na Mangueira pela última vez), Preto Rico, Dona Neuma, Xangô da Mangueira, Dona Zica, Tio Jair, Nelson Sargento e muitos mais.

O tempo inteiro visivelmente emocionado, Tom Jobim brindou a platéia com sambas e canções que todos sabiam de cor. Essa interação do artista com o público, e vice versa, criou um clima de altíssimo astral, de alegria e mútuo respeito, explicitando o que já se sabia: a Mangueira gosta muito da música de Tom Jobim e Tom morre de amores pela Mangueira.

TOM JOBIM

NA CONTRA-MÃO DO DESTINO

Oswaldo Martins

Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim é dessas pessoas que parecem ter vindo ao mundo para quebrar a escrita, para mudar a ordem natural das coisas. Pianista da noite carioca com apenas 20 anos de idade, pesava sobre ele uma condenação fatal: morreria cedo, pobre, e provavelmente de tuberculose. Mas, Tom Jobim já fez 65 anos, vive bem — o que é muito justo — com o dinheiro do seu trabalho e goza de boa saúde. Por incrível que pareça, tem gente que não se conforma com isso.

O pianista da noite também deveria cumprir outra sina: a de ser um boêmio inveterado, se possível irresponsável, desses que chegam atrasados à boate, quando chegam. E isso até seria desculpado, tratando-se, como se trata, de um gênio. Todos entenderiam, com uma lamentação que soaria como elogio — ele é assim mesmo, o que fazer? Pois Tom Jobim sempre cumpriu seus compromissos, casou cedo e teve filhos. Trabalhava muito, todas as noites, perseguido pela obsessão de pagar o aluguel no fim do mês.

Bem, já que aquele rapaz compenetrado não faltava ao serviço nem ficava doente, o consolo seria que fizesse lá de vez em quando os seus arranjos, mas não ousasse voos mais altos. Que tocasse boleros e fox-trotos o resto da vida, paciência. Não o Tom Jobim. Tocou ao piano, sim, muita música para bêbados desatentos, mulheres da vida e garçons

barulhentos. Mas, sem que eles percebessem, tocava composições suas e, enquanto trabalhava, aproveitava para aperfeiçoar acordes, experimentar frases melódicas inovadoras, criar.

Tudo bem, que tocasse o que quizesse — afinal tocava bem. Mas que nunca se livrasse do ar enfumaçado dos bares e da algazarra da platéia. Pois sim. Tom Jobim largou a noite e foi trabalhar de dia, como arranjador em uma gravadora. Lá ele ficava o dia inteiro ao piano, escrevendo música para compositores que só a conheciam de ouvido. Como arranjador de plantão, preencheu quilômetros de partituras — entre elas a de “A Fonte Secou”, de Monsueto.

Já que aquele moço parecia ser mesmo do contra, restava uma última sentença: música instrumental no Brasil nunca fez sucesso por muito tempo. Logo, se aquele tal de Tom Jobim emplacasse uma ou outra composição em disco e no rádio, sairia de moda em seis meses. Maldição das maldições, o jovem Jobim começou a fazer sucesso e não parou mais. E isso, por incrível que pareça, muita gente boa não perdoa.

“No Brasil, o sucesso é maldito”, costuma dizer o próprio Jobim. “O brasileiro venera o Garrincha, que morreu pobre, mas não consegue amar o Pelé, que está vivo e rico”. De fato, o Brasil não cultua os heróis que deram certo. Mas, justiça seja feita ao povo brasileiro, também nisso Tom Jobim quebrou a es-

crita. Ele é hoje o que antigamente chamavam de compositor popular.

Tão popular que Caetano Veloso, ao cantar recentemente em São Paulo para uma platéia de 100 mil pessoas no Vale do Anhangabaú, ao ver a multidão acompanhá-lo em “Chega de Saudade” fez um breve discurso: “Este samba (de Jobim) é o hino da musicalidade do povo brasileiro”.

Tom Jobim foi, com Vinícius de Moraes e João Gilberto, um dos principais responsáveis pela criação e pelo sucesso da Bossa Nova, a partir da metade dos anos 50. Nessa época, Tom fez (em 54) a “Sinfonia do Rio de Janeiro” e dois anos depois (56) compôs dois sambas memoráveis: “O Morro Não Tem Vez” e “O Nosso Amor”, que marcou o Carnaval de 57 (O nosso amor vai ser assim/Eu prá você, você prá mim). Sambas “tradicionais”, anteriores ao ritmo sincopado da Bossa Nova.

Para desespero dos derrotistas, o sucesso de Tom Jobim ganhou o mundo. Em 1967, estava Tom bebendo chope no Veloso, em Ipanema, quando alguém o chamou ao telefone. Para espanto geral, era Frank Sinatra, então no apogeu da fama. Queria porque queria gravar um LP com músicas do Tom. Claro que Tom se mandou para Los Angeles e, poucas semanas depois, ele e Sinatra estavam no estúdio. Esse disco recebeu vários prêmios de “melhor do ano”, vendeu milhões de cópias e inscreveu o nome do brasilei-





Tom em casa, com a bandeira da Mangueira: amor correspondido.

Tom é o compositor mais importante da música popular brasileira

ro Antonio Carlos na lista dos maiores compositores do mundo. A partir daí, Nova York se curvou. A capital do show business passou a tratar Tom como celebridade internacional até que, no ano passado, incluiu-o no "Hall of the Fame", a maior honraria que um músico pode receber em sua vida.

Mas não para o teimoso do Tom Jobim. Qualquer um, em seu lugar, sentaria praça em Manhattan, faria um recital por mês e ganharia milhões de dólares. O raio do Jobim prefere viver no Rio de Janeiro porque em sua casa, na encosta do Corcovado, pode ouvir o canto dos passarinhos.

Encantado com a beleza da Criação, Tom Jobim sempre gostou de viver em contato com a natureza. Ah! agora pegamos ele, devem ter pensado alguns. O Tom vai virar um desses ecologistas chatos, que só falam sobre a defesa do meio ambiente e veem um desmatador em cada esquina da Amazônia. Decepção geral, mais uma vez. Tom ama a natureza, sim, mas nunca foi um panfletário, um ecologista raivoso, desses que vivem escrevendo abaixo-assinado. Tom simplesmente é a favor da preservação das riquezas naturais.

Diabo, esse Tom só tem um jeito: pegar uma cirrose, de tanto beber uísque. E olha que o maestro, depois que começou a poder pagar, tomou uísque suficiente para inundar a avenida Brasil. Mas bastou um alerta do médico para o imprevisível Tom Jobim mudar de hábitos. Não só trocou o cigarro pelo charuto como substituiu o uísque pela cerveja e pelo chope. Perdão, pessoal, mas de cirrose o Jobim não morre.

E querem saber do mais? Tom Jobim não morre nunca. Um gênio capaz de produzir essa obra extraordinária, belíssima, magnífica é, até prova em contrário, imortal. É essa obra que a Mangueira tomou como tema este ano para o seu Carnaval, também ela surpreendendo a muitos que não esperavam por tamanha ousadia. A Mangueira, reduto do samba mais puro e defensora das tradições e das raízes da música brasileira, homenagear esse compositor "erudito"?

A tolices como essa, Mangueira respondeu com a autoridade que só ela tem nesse assunto: Tom é o compositor mais importante da música popular brasileira e isso há muito tempo já deveria ter sido reconhecido e proclamado. Manguei-

ra, de sua parte, reconhece e proclama.

Antes de pisar a quadra da Mangueira, em novembro do ano passado, Tom Jobim nunca tinha posto seus pés em uma Escola de Samba. Ufa!, até que enfim: agora esse Tom não escapa. Alienado! Elitista! Branco azedo! Mangueira sorri e se pergunta: e por que Tom Jobim deveria ter intimidade com o terreiro? Por acaso pensamos nisso antes, quando homenageamos Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Braguinha e Dorival Caymmi? Seriam eles frequentadores assíduos de Escolas de Samba? Não? Então, por que Tom deveria ser?

O fato de Tom Jobim não ter antes (agora tem: tornou-se um mangueirense sincero) contato com Escolas de Samba não tem a menor importância. Mas, o fato de haver composto, em parceria com Chico Buarque esse belíssimo samba intitulado "Piano na Mangueira", isso sim, tem muita importância. Porque, ao retribuir à Escola a homenagem que recebe no Carnaval, Tom Jobim adere a uma idéia, a uma causa. Ele o faz consciente de que a Mangueira, exatamente por ser como é, tradicional e ligada às suas raízes, merece o seu respeito e a sua admiração.

E olhe que a Mangueira não escolheu o tema Tom Jobim para idolatrá-lo. Não foi remexer a sua infância nem pesquisar os seus antepassados. Nada disso. A Mangueira se fixou tão somente na obra musical do gênio — e precisava mais?

Não, não precisava. O paradoxo Tom Jobim, que sempre viveu na contra-mão do destino, fazendo o oposto do que dele se esperava, surpreendeu a todos exatamente porque sua trajetória é linear, coerente e sem traumas. Isso talvez explique a simplicidade dos seus versos e a singeleza de seus acordes. Isso com certeza explica "Águas de Março", que Chico Buarque considera o mais belo samba que alguém jamais compôs. Tom fez tudo certinho num país onde a regra é o tortinho. Está vivo e rico, quando deveria ter morrido pobre. Paga religiosamente seus impostos, quando o esperado era sonegar. Fez o mundo inteiro aplaudir o samba, quando o normal seria continuar a confundí-lo com a rumba. Esse Tom Jobim é uma decepção!

CARNAVAL 1992



ROTEIRO DO DESFILE

“**R**io de Janeiro /Que eu sempre hei de amar/Rio de Janeiro/ A montanha, o sol e o mar”... são versos de Billy Blanco musicados por Antonio Carlos Jobim para a “Sinfonia do Rio de Janeiro”, composta em 1954. Desde então, o jovem pianista, arranjador e compositor Tom Jobim declarava o seu amor por esta cidade (onde nasceu, em 1927, no bairro da Tijuca) que, em suas palavras, “insiste em ser maravilhosa”. Tom e o Rio — um caso de amor que acompanha o maestro pela vida inteira e marca, significativamente, sua extensa e bela obra musical.

Poucos como Tom souberam cantar, com eloquência mas também com delicadeza, a beleza ao mesmo tempo exuberante e suave do Rio de Janeiro. São seus os versos, além da melodia, de dois lindos sambas que narram o espetáculo deslumbrante da paisagem carioca: “Da janela vê-se o Corcovado/O Redentor, que lindo”... (“Corcovado”) e “Minha alma canta/Vejo o Rio de Janeiro/Estou morrendo de saudade”... (“Samba do Avião”). Um amor tão grande assim merecia ser — e é — correspondido. O Rio também ama Jobim.

Pois foi o amor, mais que o sorriso e a flor, a inspiração de Tom e de um grupo de jovens que, na segunda metade dos anos 50, deflagaram no Rio de Janeiro (só poderia ter acontecido no Rio de Janeiro!) o movimento musical que mudaria a história da música popular brasileira. Ninguém se arrisca a determinar uma data como a que marcou o início do movimento — mas todos sabem que a sua concepção e seus desenhos melódicos saíram, com certeza, das harmonias e dos arranjos que brotavam do piano de Tom Jobim.

Os bares e boates de Copacabana, alguns deles espremidos no Beco das Garrafas, revelaram para o mundo uma formidável geração de músicos, letristas e intérpretes que sabiam fazer algo aparentemente simples: samba de boa qualidade. De tão boa qualidade que houve até quem questionasse se aquilo era mesmo samba. Claro que era samba — e cheio de bossa. Uma bossa diferente, delicada, moderna, de singeleza quase ingênua, mas de extremo bom gosto, e nova. Isso mesmo: bossa nova.

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ

(Hoje a Mangueira, com a autoridade que tem neste assunto, abraça afetuosamente, na figura de Tom, todos aqueles jovens que produziram, com a Bossa Nova, o mais importante movimento musical brasileiro a favor do Samba)

Mas, se a fonte de inspiração era e é o amor, como cantá-lo sem buscar nas musas — ah!, as musas! — o poder mágico da criação? Tom bebera nessa fonte em 54, quando compôs “Tereza da Praia” — e perseverou. Poucos anos depois faria “Dindi”, uma canção tão linda que mereceu dezenas de gravações — de Sara Vaughan à Banda dos Fuzileiros Navais. Muitas das musas de Tom podem ser reconhecidas pela simples menção dos nomes das canções: “Ligia”, “Luíza”, “Bebel”, “Ana Luíza”. De todas, a mais famosa é a “Garota de Ipanema”, o samba mais executado em todo o mundo, em todos os tempos. Mas a musa-síntese de Tom pode ter qualquer nome: “Ela é carioca/Ela é carioca/ Basta o jeitinho dela andar”...

O sucesso de Tom ganhou a cidade, conquistou o país e saiu pelo mundo — na primeira viagem, com a ajuda do cinema. Tom compôs, com letra de Vinícius de Moraes, “A Felicidade” (“Tristeza não tem fim/Felicidade sim”...) para o filme “Orfeu do Carnaval” — que, em 1959, conquistou a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. O filme que revelou a música de Tom para o mundo se inspirou na peça “Orfeu da Conceição” escrita por Vinícius e encenada no Municipal do Rio de Janeiro em setembro de 1956. São da montagem teatral dois sambas inesquecíveis de Tom e Vinícius: “O

Samba de Enredo

"Se todos fossem iguais a você"

Autores:

Hélio Turco, Jurandir e Alvinho

Morro Não Tem Vez" e "O Nosso Amor". Também da peça é esta obra prima da dupla, a belíssima "Se Todos Fosse Iguais a Você".

Transportada da mitologia grega para o ambiente poético de um morro carioca, a paixão de Orfeu por Eurídice foi embalada no filme pelo encanto de "A Felicidade", abrindo para Tom Jobim as portas do sucesso internacional. Desde então, o mundo inteiro o consagrou. Suas canções e seus sambas permanecem até hoje entre as músicas mais executadas nos Estados Unidos, Europa e Japão. Em Nova York, "A Grande Maçã", Tom Jobim é uma celebridade. Bem que a cidade tentou, várias vezes, adotá-lo, cobrindo-o de honrarias. Na investida mais recente, no ano passado, Tom recebeu a maior honraria que qualquer músico do mundo pode aspirar: foi incluído no "Hall of the Fame", do qual só faz parte o selecionado grupo do primeiríssimo time da música popular. Nem assim Nova York conseguiu. Tom prefere viver no Rio de Janeiro.

Suas raízes e suas fontes de inspiração estão aqui. Aqui estão a mata do Corcovado, sua vizinha, e a floresta da Tijuca, seu orgulho. Orgulho de saber penetrá-la com a mesma intimidade com que anda em sua própria casa. A relação de Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim com a Natureza tem características de admiração e encantamento, de fascínio e êxtase, de amor e respeito. "Passarim" reflete admiravelmente esse sentimento que Tom já expressava muito antes que o mundo manifestasse ruidosamente suas justas preocupações com a ecologia.

O fascínio de Tom pela Criação sempre tocou sua sensibilidade de artista. O vôo imponente do urubu jereba, o canto do sabiá, as águas de março, o boto, o mar, o matita perê, os felinos, as borboletas, os pássaros, as matas, tudo o encanta. Invariavelmente, para traduzir a sua emoção de forma poética, em versos e melodias, Tom recorre à singeleza própria dos gênios, com quem apenas mostra: "Olha, está chovendo na roseira"...

Ah!, Tom, se todos fossem iguais a você...

Mangueira vai deixar saudade
Quando o Carnaval chegar ao fim
Quero me perder na fantasia
Que invade os poemas de Jobim

Amanheceu

O Rio canta de alegria

Aconteceu

A mais linda sinfonia

O sol já despontou na serra

Doirando o seu corpo sedutor

Bis [*O mar beija a Garota de Ipanema*
A musa de um sonhador

Bis [*É Carnaval*
É a doce ilusão
É promessa de vida no meu coração

Vem...

Vem amar a liberdade!

Vem cantar e sorrir

Ver um mundo melhor

Vem...

Meu coração está em festa

Eu sou a Mangueira em Tom maior

Salve o samba de terreiro

Salve o Rio de Janeiro

Seus encantos naturais

Bis [*Se todos fossem iguais a você*
Que maravilha seria viver!

OBSERVAÇÃO

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Marquinhos e Irléa

BATERIA

PASSISTAS

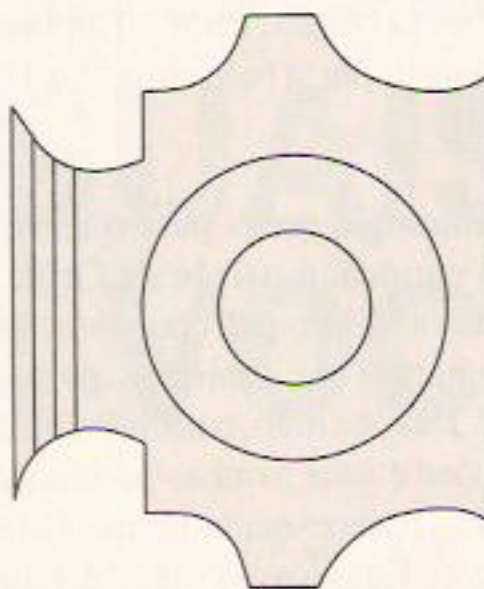
Serão inseridos no desfile a critério da Direção de Harmonia onde favoreçam a Evolução e o Conjunto, podendo deslocar-se entre as várias partes do Enredo.

COMISSÃO DE FRENTE

O UNIVERSO MUSICAL DE TOM JOBIM

Manguieira optou por uma Comissão de frente fantasiada de modo adequado ao Enredo - que não é biográfico, mas aborda a obra musical do compositor Antonio Carlos Jobim.

PRIMEIRA ALEGORIA



O Abre Alas traz os símbolos que compõem a marca visual da Manguieira: o surdo, as folhas, a coroa e as estrelas.
Destaque: Serginho do Pandeiro.

ABRE ALAS

2ª

PARTE: TOM E A BOSSA NOVA

Primeiro quadro: **BOSSA NOVA**

SAMBA DE UMA NOTA SÓ	RETRATO EM BRANCO E PRETO	CORCOVADO	ELA É CARIOCA	GRUPO GAROTAS DA PRAIA
----------------------	---------------------------	-----------	---------------	------------------------

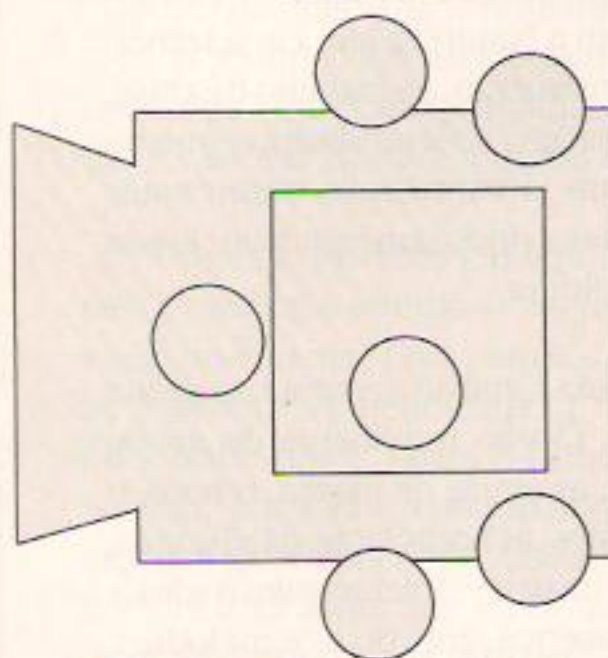
ALAS
Comigo
Ninguém Pode
Patromanga

ALAS
Ninguém é de Ninguém
Guerreiras
Firmeza

ALAS
Amigos do Embalo
Vem Comigo

Quinteto
Verde e Rosa
ALA
Verde e Rosa

TERCEIRA ALEGORIA



Foi dos bares e boates de Copacabana que a Bossa Nova se lançou para o mundo. Alguns deles espremidos no "Beco das Garrafas", esses bares da noite carioca revelaram, na virada da década de 50 para a de 60, toda uma geração de grandes músicos, poetas e intérpretes. Na parte frontal da Alegoria, dois símbolos desse importante movimento musical: o violão e a mulher; na parte de cima, o seu guru: o poeta Vinícius de Moraes.
Destaques: Helô Pinheiro (a verdadeira Garota de Ipanema), Wanda ("Uísque"), Isaías ("Chope"), Jorge Luiz ("Aniz"), D'Estefano ("Vodka"), Alberto ("Conhaque") e Marcelo ("Menta"). Figuras de composição: Frequentadores Notáveis.

PELOS BARES DA BOSSA NOVA

1^a

PARTE: TOM E O RIO

Quadro único: SINFONIA DO RIO DE JANEIRO

Inspirado nos versos da "Sinfonia do Rio de Janeiro" (1954) "Rio de Janeiro/Que eu sempre hei de amar/Rio de Janeiro/A montanha, o sol e o mar"... A ordem das Alas está liberadamente submetida à sequência de cores predominantes nas fantasias.

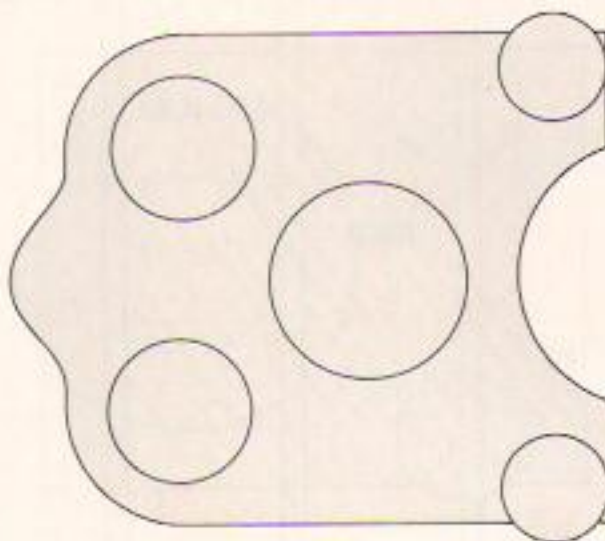


ALAS
Vendaval
Acauã

ALAS
Seresteiros
Opção

ALAS
Hippies
Renovação

SEGUNDA ALEGORIA

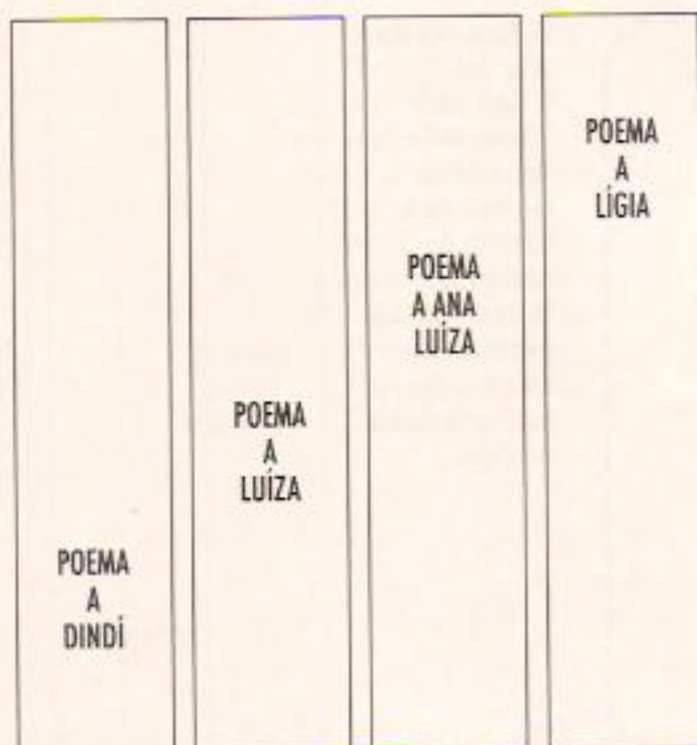


O mar, a montanha e o sol, cantados por Tom na "Sinfonia", são a síntese da exuberante beleza da paisagem do Rio de Janeiro. Com esta Alegoria, a Mangueira presta também a sua homenagem a esta cidade que, nas palavras de Tom, "insiste em ser maravilhosa".

Destaques: Maria Helena Vieira ("Sinfonia do Rio de Janeiro"), Celeste Muller ("O Mar"), José Luiz ("A Montanha"), Djalma ("O Sol I") e Carlos Mayer ("O Sol II").

SINFONIA DO RIO DE JANEIRO

Segundo quadro da 2^a parte: **AS MUSAS**



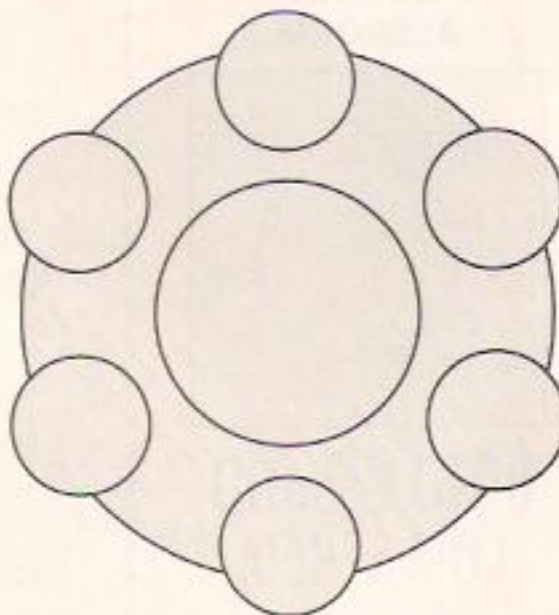
ALAS
Gatinhas e
Gatões
Príncipes

ALAS
Copacabana
Fidalgos

ALAS
Suor e Cerveja
Chave Não
Molha

ALAS
Aliados
Au Au Au

QUARTA ALEGORIA

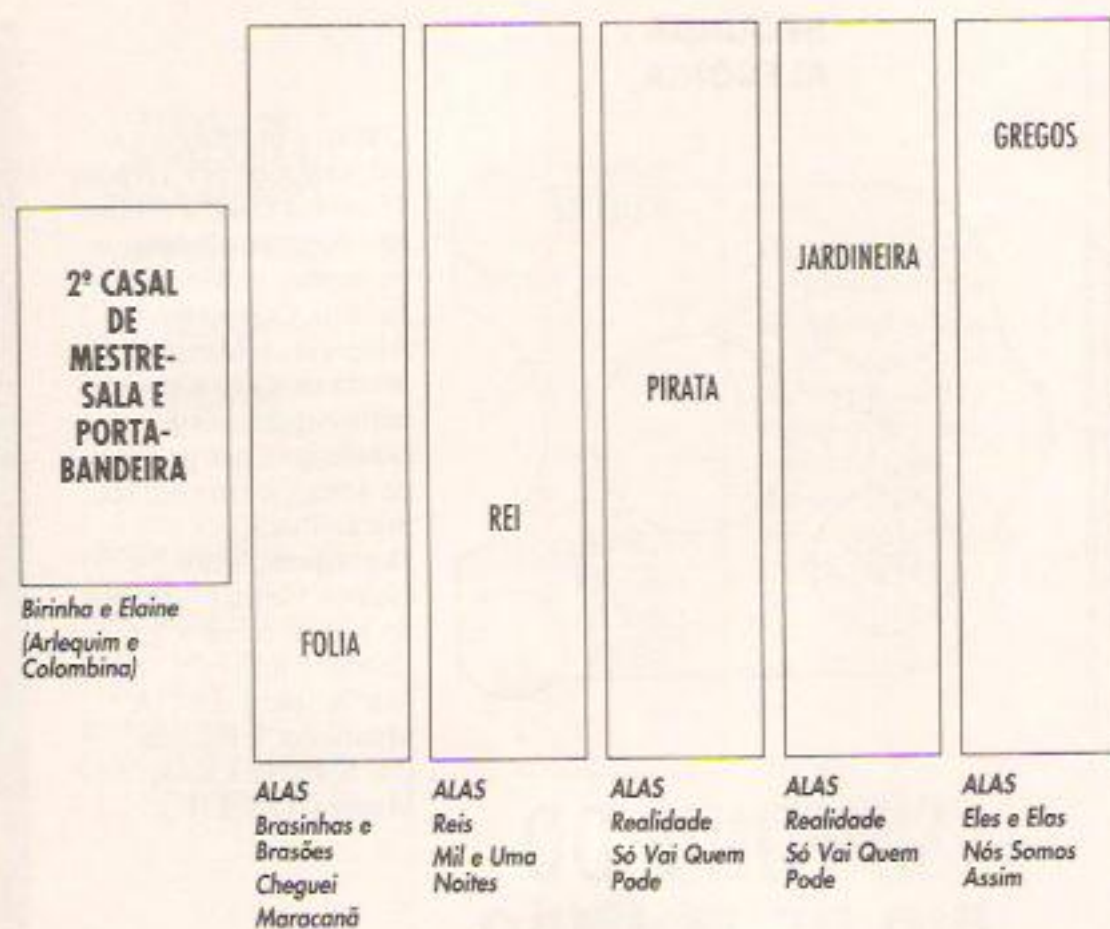


A presença da mulher é marcante na obra poética e musical de Tom Jobim. Esta Alegoria é uma exaltação à beleza, à graça e à malícia de todas as Dindís, todas as Luízas, todas... todas.

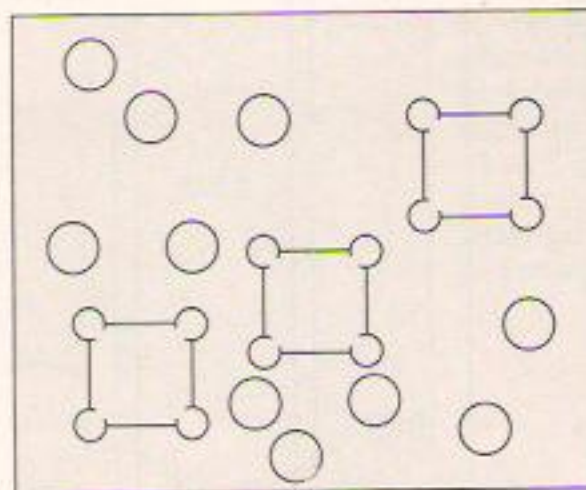
Destaque: Hermínia Paiva ("Musa Inspiradora"); e figuras de composição ("Musas").

AS MUSAS

Terceiro quadro da 2ª parte: **CARNAVAL DE ORFEU**



QUINTA ALEGORIA

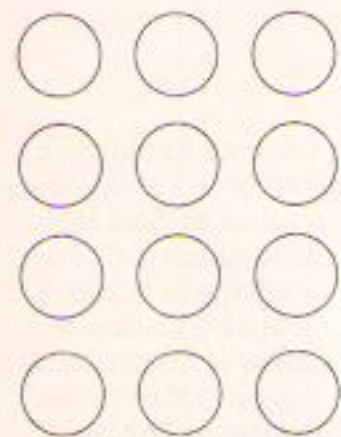


O MORRO DE ORFEU

Escrita por Vinícius de Moraes e musicada por Tom Jobim, a peça "Orfeu da Conceição" (1956) transporta da mitologia grega para o cenário de um morro carioca o lirismo e a tragédia da paixão de Orfeu por Eurídice.
Destaques: Maria Rosa ("Eurídice"), Marco Antonio ("Orfeu"), Paulo Cesar ("Grego") e figuras de composição (Gregos e Negros).

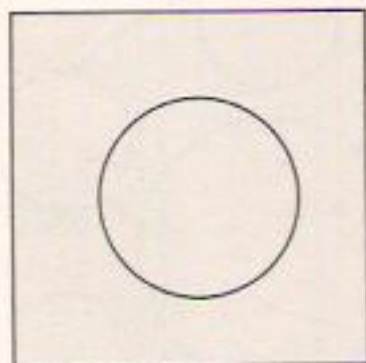
3ª PARTE: TOM E A NATUREZA

Primeiro quadro: **O CANTO DA NATUREZA**



Os 12 Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Mirins.

SÉTIMA ALEGORIA



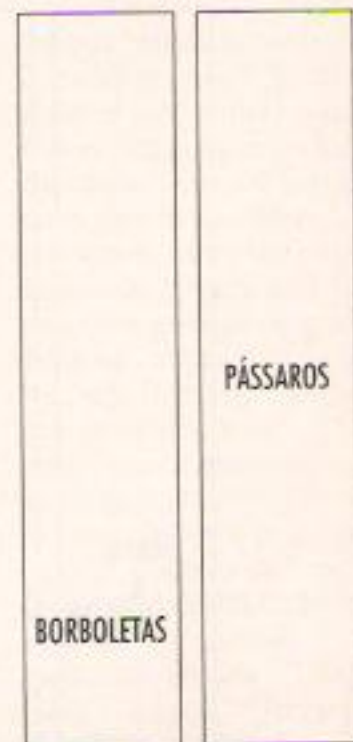
BOTO CASADO COM SEREIA

Alegoria inspirada em uma das muitas canções ("O Boto") de Tom Jobim sobre a Natureza. Tripé.



ALA DAS CRIANÇAS

A fantasia da Ala das Crianças, "Boto Rosa do Amazonas", simboliza a adesão da Mangueira ao alerta contra a permanente ameaça de extinção dessa espécie.



BORBOLETAS

ALA / Alto Astral

PÁSSAROS

ALAS / Arte Manha / As Brásas

Quarto quadro da 2ª parte: O MUNDO CANTA JOBIM



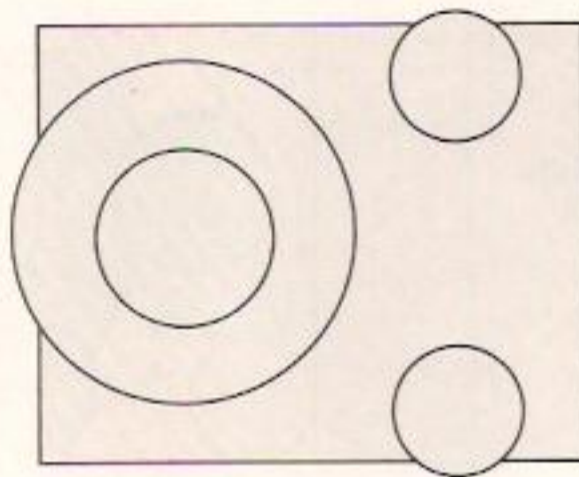
Velha Guarda da Mangueira

ALAS
Granfinos
Quero Te Ver de Rosa

ALA
Funcionários

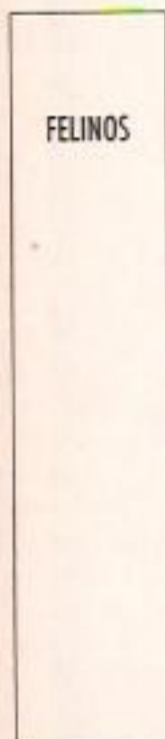
ALAS
Magnatas
Vem Com Tudo

SEXTA ALEGORIA



A consagração internacional da obra de Tom Jobim é mais evidente na esquina do mundo: Nova York, A Grande Maçã. Lá Tom é uma celebridade. A Alegoria destaca, na Grande Maçã, outros símbolos da cidade como seus famosos arranha-céus e a Estátua da Liberdade. Destaques: Laerte Raphael ("Consagração em Preto e Branco"); Gil e Ba Messias ("Acordes") e figuras de composição.

A GRANDE MAÇÃ

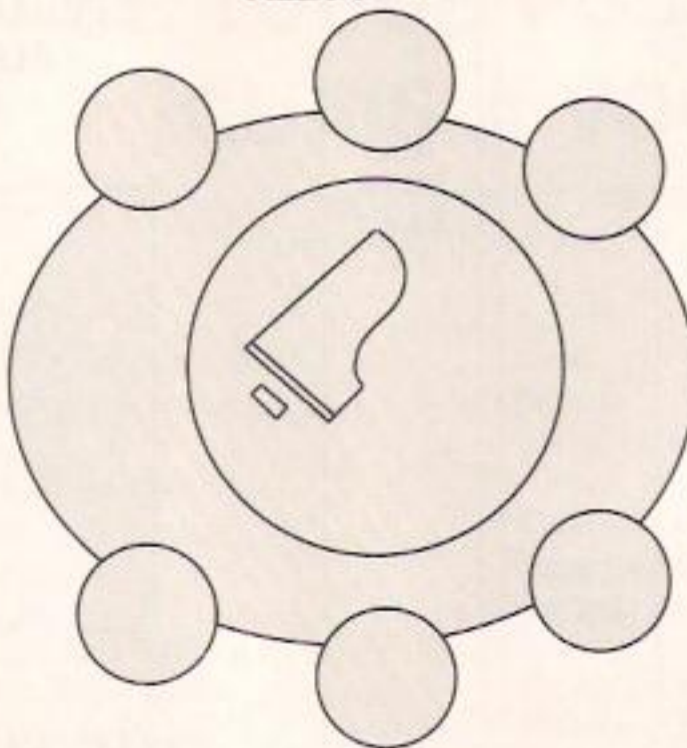


ALA
Tropicana



Dona Neuma
Dona Zica
Alcione
Beth Carvalho
Gigi da Mangueira
Ed Miranda
Bira
Djalma dos Santos
Guilherme de Brito
Nelson Sargento
Hermínio Bello de Carvalho

OITAVA ALEGORIA



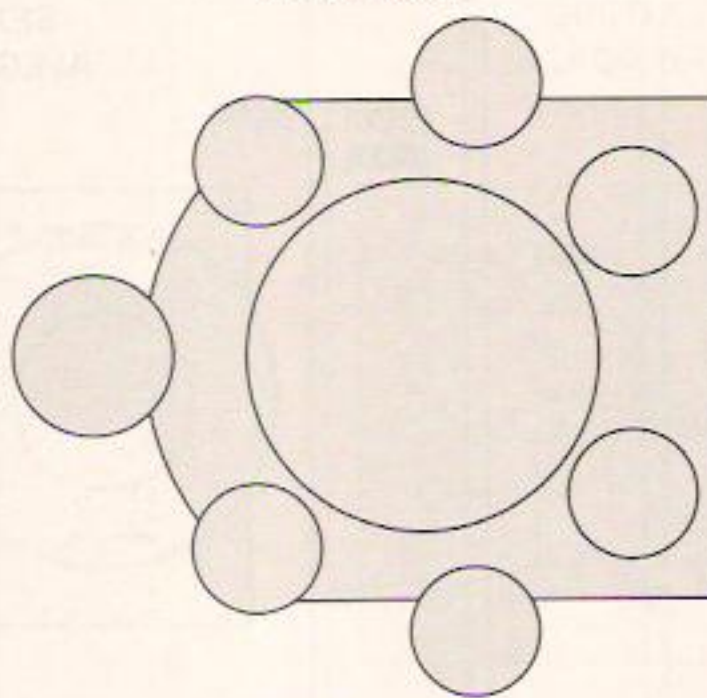
Nesta Alegoria, duas grandes paixões de Tom Jobim compõem o seu cenário predileto: o indispensável piano e a amiga Natureza; completa cenário a figura do índio Borzequim; como figuras de composição, as vocalistas da Banda Nova.

TOM E A NATUREZA

Segundo quadro da 3ª parte: PASSARIM



NONA ALEGORIA



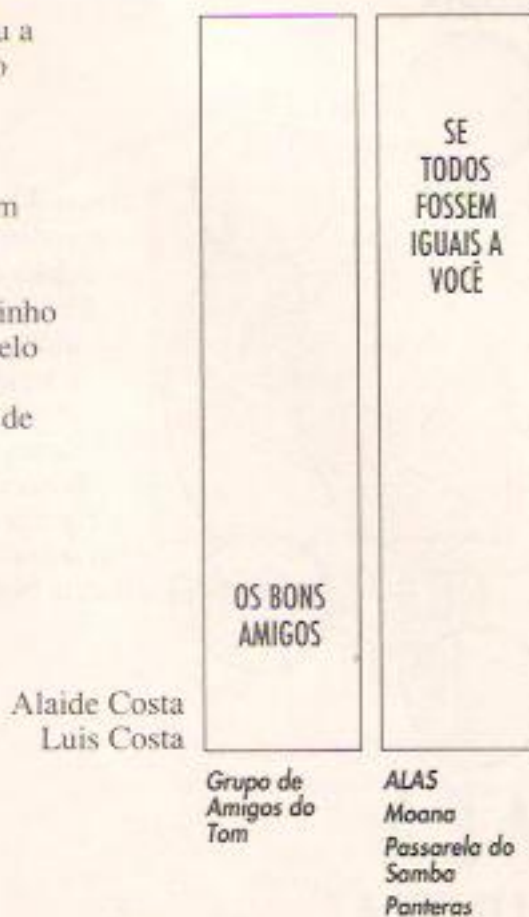
PASSARIM

A gaiola vazia, com a porta aberta, rodeada pelos pássaros que estão do lado de fora, reflete as noções de liberdade e de respeito que Tom Jobim ensina quando canta a Criação. A Mangueira concorda: Vem/Vem amar a liberdade/Vem cantar e sorrir/Ver um mundo melhor...

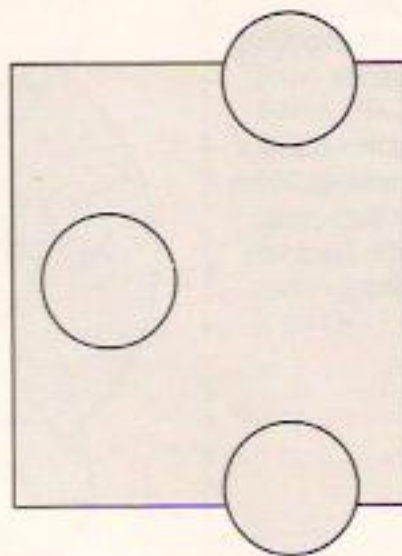
Destaques: Tânia Índio Brasil ("Pássaro Branco"), Beni ("Pássaro Marrom"), Wanderlei ("Pássaro Azul"), Sílvia Bastos ("Pássaro Amarelo"), Tuti Jordão ("Pássaro Preto"), Vanda Alencar ("Pássaro Vermelho") e Geovani ("Pássaro Verde").

RECADO FINAL

(O Enredo exaltou a magnífica obra do compositor Tom Jobim. Mas a Mangueira não poderia deixar sem registro, no encerramento do Desfile, o seu carinho e o seu respeito pelo cidadão Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim).



DÉCIMA PRIMEIRA ALEGORIA



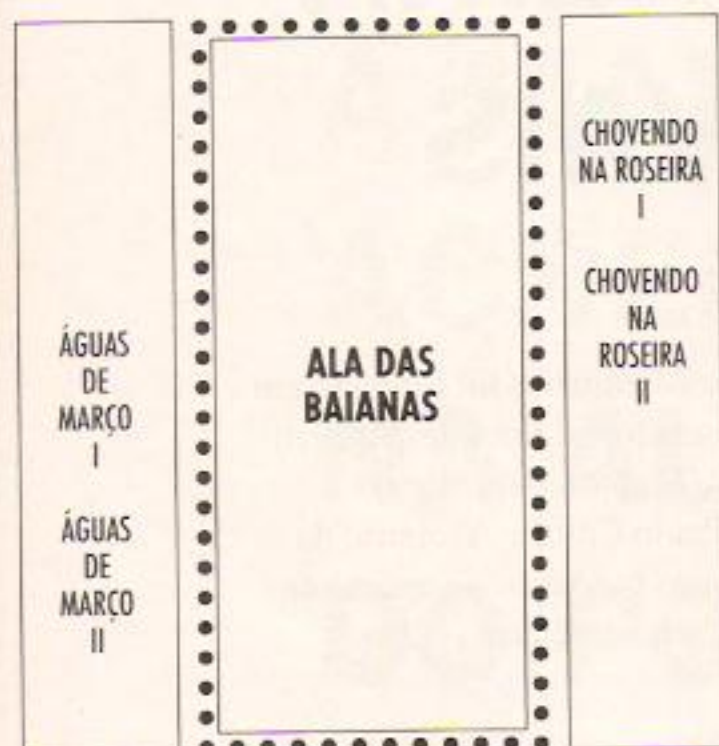
Depois de tudo o que se viu, basta uma única frase - a que está na Alegoria - para expressar o nosso sentimento: Ah!, Tom, Se Todos Fossem Iguais a Você...

Destaques: Rita Clemente ("Se Todos Fossem Iguais a Você"), Cotinha e Carlos Victor.

...QUE MARAVILHA VIVER!

FINAL DO DESFILE

Terceiro quadro da 3ª parte: **ÁGUAS DE MARÇO**



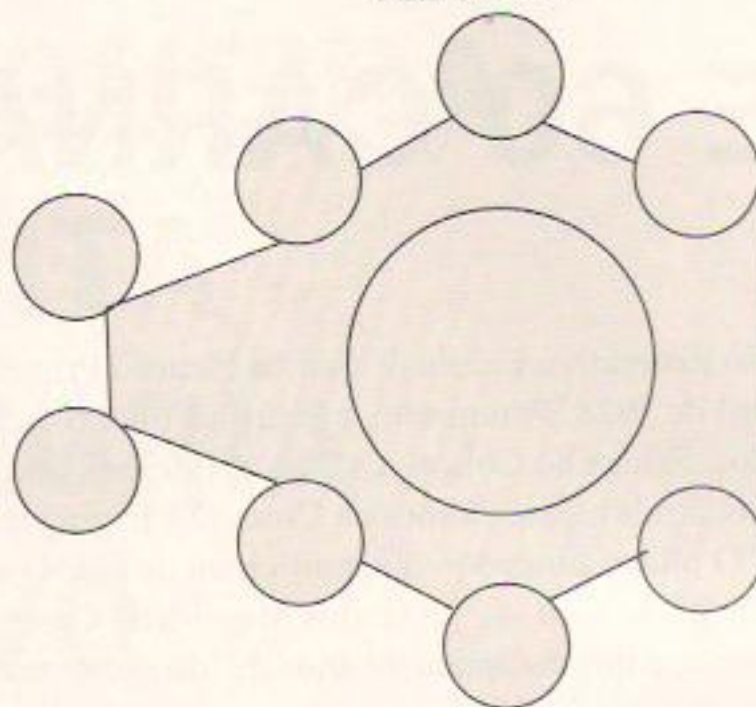
ALAS
Adivinha o Nome
Acoucir
Deixa Isso Pró Lá
Zicartola
Arma Comigo
Que Você Sai

A tradicional Ala das Baianas está fantasiada de "Chovendo na Roseira", título de uma das mais inspiradas composições de Tom Jobim.

ALAS
Mimosas
Depois Eu Digo
Mimosas
Depois Eu Digo

Ofertadores de Rosas

DÉCIMA ALEGORIA



A Alegoria pretende expressar plasticamente a mesma singeleza que os gênios como Jobim conseguem manifestar poética e musicalmente.

Destaques:
Marlene Arruda ("Aguas de Março"), Cristina ("Rosa I") e Mônica ("Rosa II"); e figuras de composição.

CHOVENDO NA ROSEIRA

FINAL DO ENREDO



GRES ESTACÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

4.500 componentes

Presidente da Diretoria:
José Ananias de Marcelos

Presidente da Comissão de Carnaval:
Percival Pires

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ

Concepção: Comissão de Carnaval
Carnavalesco: Ilvamar Magalhães

Departamento de Harmonia sob o comando de Xangô da Mangueira

Intérpretes do samba:

Jamelão
Jurandir
Heraldo Caê
Cavaquinho: Alex do Cavaco
Violão: Maurício Carrilho
Clóvis do Violão

Diretores de Bateria:

Birinha
Alcir Explosão

Russo
Taranta
Componentes da Bateria: 300

Apresentação de Mestre-Sala e Porta-Bandeira aos Julgadores:
Delegado e Mocinha

Ala das Baianas:
180 componentes
Conduzida por Mussum

Ala das Crianças:
200 componentes

ESTAÇÃO PRIMEIRA DE 60 CARNAVAIS

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi fundado em 28 de abril de 1928. Foram sete, por justiça oito, os seus fundadores: Euclides Roberto dos Santos, Saturnino Gonçalves, Marcelino José Claudino (Massu), Angenor de Oliveira (Cartola), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Paulo Caim e Abelardo da Bolinha. O oitavo fundador, que participou de todos os atos de fundação — exceto da reunião de 28 de abril —, foi Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça (único sobrevivente, e que completa 90 anos de idade este ano).

...

Quem escolheu as cores verde e rosa para a Mangueira, no dia da sua fundação, foi Angenor de Oliveira, o Cartola.

...

O primeiro concurso de Escolas de Samba (com um único quesito — o samba) foi organizado em 1929 pelo mangueirense Zé Espinguela. E a campeã foi a Portela.

...

O primeiro Mestre-Sala de Escola de Samba foi o mangueirense Massu.

...

Os três primeiros concursos de Escolas de Samba com jurados neutros (jornalistas) foram vencidos pela Estação Primeira de Mangueira. Em 1932, com o samba de Cartola "Sorrindo". Em 1933, com outro samba de Cartola: "Fita Meus Olhos". E em 1934, com o samba "Homenagem", de Carlos Cachaça, considerado o primeiro Samba de Enredo da história das Escolas de Samba.

...

Em 60 anos de desfiles, a Mangueira foi 15 vezes campeã e 19 vezes vice-campeã. Conquistou 7 terceiros lugares e 10 quartos lugares. E em apenas 6 ocasiões obteve classificação abaixo do quarto lugar. Em 1937 a Mangueira não desfilou e nos anos de 1938 e 1952 os desfiles foram cancelados por causa da chuva.

...

Em 1984, ano da inauguração da Passarela do Samba da Marquês de Sapucaí, a Mangueira foi Supercampeã com o enredo "Yes, Nós Temos Braguinha". Em 1986 e 1987, bicampeã com enredos que exaltavam as obras dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Dorival Caymmi, respectivamente.

...

Incluindo este Carnaval de 1992, a Mangueira já desfilou 16 vezes com sambas compostos por Hélio Turco. No Samba de Enredo deste ano, "Se todos Fossem Iguais a Você", Hélio Turco tem como parceiros Jurandir e Alvinho.

A MANGUEIRA ACREDITA NA ALEGRIA DO POVO

A Mangueira tem muitas crenças. A primeira delas é a de que a cultura de um povo, consolidada e recriada através do tempo, reflete a própria identidade nacional. A cultura popular é a alma e também o patrimônio mais valioso de uma Nação.

No Brasil, as manifestações dessa cultura, em suas variadas formas e gêneros, têm como traço comum a alegria. E a expressão mais eloqüente dessa alegria é o Carnaval.

Por isso a Mangueira acredita na alegria do povo.

Essa crença se renova cada vez que uma menina do morro consegue fazer de um simples cabo de vassoura um símbolo de magestade — e promete, desde então, ser um dia a porta-bandeira. Essa crença se alimenta do sorriso da pastora, do gemido da cuíca, do verso do poeta, do passo do sambista.

É fundamentada nessas crenças, que geram convicções e se desdobram em compromissos, que a Mangueira inicia o seu desfile. E pede passagem.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

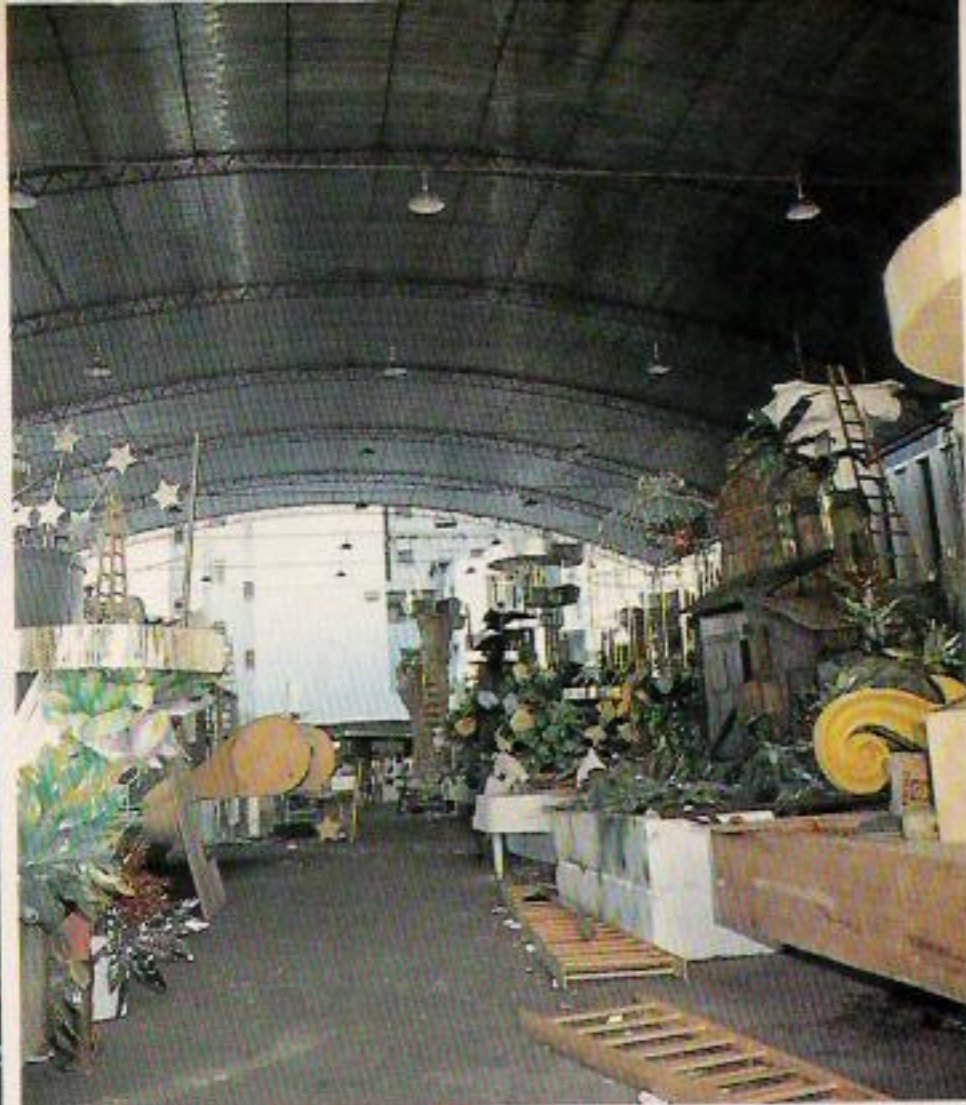
GRADUATE STUDIES

PHILOSOPHY 210

1964-65

The following is a list of the graduate students in the Philosophy Department for the year 1964-65. The list is arranged in alphabetical order by last name. The first column gives the student's name, and the second column gives the student's advisor. The third column gives the student's field of study. The fourth column gives the student's date of birth. The fifth column gives the student's date of admission. The sixth column gives the student's date of graduation. The seventh column gives the student's degree. The eighth column gives the student's current address. The ninth column gives the student's telephone number. The tenth column gives the student's e-mail address. The eleventh column gives the student's home address. The twelfth column gives the student's home telephone number. The thirteenth column gives the student's home e-mail address. The fourteenth column gives the student's current address. The fifteenth column gives the student's current telephone number. The sixteenth column gives the student's current e-mail address. The seventeenth column gives the student's home address. The eighteenth column gives the student's home telephone number. The nineteenth column gives the student's home e-mail address. The twentieth column gives the student's current address. The twenty-first column gives the student's current telephone number. The twenty-second column gives the student's current e-mail address. The twenty-third column gives the student's home address. The twenty-fourth column gives the student's home telephone number. The twenty-fifth column gives the student's home e-mail address. The twenty-sixth column gives the student's current address. The twenty-seventh column gives the student's current telephone number. The twenty-eighth column gives the student's current e-mail address. The twenty-ninth column gives the student's home address. The thirtieth column gives the student's home telephone number. The thirty-first column gives the student's home e-mail address. The thirty-second column gives the student's current address. The thirty-third column gives the student's current telephone number. The thirty-fourth column gives the student's current e-mail address. The thirty-fifth column gives the student's home address. The thirty-sixth column gives the student's home telephone number. The thirty-seventh column gives the student's home e-mail address. The thirty-eighth column gives the student's current address. The thirty-ninth column gives the student's current telephone number. The fortieth column gives the student's current e-mail address. The forty-first column gives the student's home address. The forty-second column gives the student's home telephone number. The forty-third column gives the student's home e-mail address. The forty-fourth column gives the student's current address. The forty-fifth column gives the student's current telephone number. The forty-sixth column gives the student's current e-mail address. The forty-seventh column gives the student's home address. The forty-eighth column gives the student's home telephone number. The forty-ninth column gives the student's home e-mail address. The fiftieth column gives the student's current address. The fifty-first column gives the student's current telephone number. The fifty-second column gives the student's current e-mail address. The fifty-third column gives the student's home address. The fifty-fourth column gives the student's home telephone number. The fifty-fifth column gives the student's home e-mail address. The fifty-sixth column gives the student's current address. The fifty-seventh column gives the student's current telephone number. The fifty-eighth column gives the student's current e-mail address. The fifty-ninth column gives the student's home address. The sixtieth column gives the student's home telephone number. The sixty-first column gives the student's home e-mail address. The sixty-second column gives the student's current address. The sixty-third column gives the student's current telephone number. The sixty-fourth column gives the student's current e-mail address. The sixty-fifth column gives the student's home address. The sixty-sixth column gives the student's home telephone number. The sixty-seventh column gives the student's home e-mail address. The sixty-eighth column gives the student's current address. The sixty-ninth column gives the student's current telephone number. The seventieth column gives the student's current e-mail address. The seventy-first column gives the student's home address. The seventy-second column gives the student's home telephone number. The seventy-third column gives the student's home e-mail address. The seventy-fourth column gives the student's current address. The seventy-fifth column gives the student's current telephone number. The seventy-sixth column gives the student's current e-mail address. The seventy-seventh column gives the student's home address. The seventy-eighth column gives the student's home telephone number. The seventy-ninth column gives the student's home e-mail address. The eightieth column gives the student's current address. The eighty-first column gives the student's current telephone number. The eighty-second column gives the student's current e-mail address. The eighty-third column gives the student's home address. The eighty-fourth column gives the student's home telephone number. The eighty-fifth column gives the student's home e-mail address. The eighty-sixth column gives the student's current address. The eighty-seventh column gives the student's current telephone number. The eighty-eighth column gives the student's current e-mail address. The eighty-ninth column gives the student's home address. The ninetieth column gives the student's home telephone number. The hundredth column gives the student's home e-mail address.

CARNAVAL



O pátio dos milagres



Este sim, é um verdadeiro pátio dos milagres. É no Barracão, onde as coisas difíceis saem na hora e as impossíveis um pouco depois, que a Escola ganha forma. Nas semanas que antecedem o Carnaval, a frase mais comum de se ouvir é "não vai dar tempo". E, três dias antes da festa, "incrível, não é que deu"? O que nem todos sabem é que ali no Barracão, artistas e operários são uma só equipe, que trabalha todas as horas do dia e da noite, com planejamento e com dedicação. Os milagres acontecem, sim, mas quem os realiza é o poder do talento.

EQUIPE DO BARRACÃO

Direção Geral Ivamar Magalhães
Diretor de Arte Gaúcho
Coordenação Melão
Esculturas Glinston Gilberto e Vanir
Ferragens Sizino
Carpintaria Sergio Bittencourt
Fibra Naípe
Espelhos Alvanir
Pintura de Arte Marcio Neiva e equipe Rio Arte
Almoxarifado Evaldo Soares da Silva

ILVAMAR

Campeão em 88, ele quer o bi com a Mangueira

A Mangueira acertou em cheio ao confiar o enredo "Se Todos Fossem Iguais a Você" ao carnavalesco Ilvamar Magalhães. Há várias e boas razões para se comemorar o acerto da escolha, embora bastassem duas: Ilvamar é tão competente quanto os melhores: e, ele não é dado a ataques de estrelismo. Não tem chilikues.

Talentoso, cordato, sereno, responsável, criativo, trabalhador, Ilvamar logo conquistou os corações mangueirenses. Num primeiro momento, pela maneira amável como trata a todos. É um homem educado. Com o passar do tempo, à medida em que o seu trabalho ia se desenvolvendo, impôs-se também pela qualidade da sua obra artística. É um excelente profissional.

São de Ilvamar todos os figurinos que a Mangueira desfila neste ano na avenida. São também de Ilvamar os desenhos de todas as alegorias, assim como a direção geral do Barracão onde essas alegorias foram confeccionadas. E, se a Mangueira está feliz com esse trabalho, a recíproca é verdadeira: "Fazer o Carnaval da Mangueira está sendo a experiência mais importante da minha vida", diz ele.

Antes que se consumasse o casamento Ilvamar-Mangueira houve um longo namoro, à distância, sem que um não soubesse da paixão do outro. "Há muitos anos sonho fazer um Carnaval como este", confessa Ilvamar, "entre outras razões para poder mostrar que o verde e o rosa são cores belíssimas, que se harmonizam perfeitamente quando adequadamente exibidas". O presidente da Comissão de Carnaval, Percival Pires, também admite que há muito tempo observava o trabalho

de Ilvamar: "Ele foi o carnavalesco da Vila Isabel em 88 e ganhou o campeonato (nós fomos vice) com o enredo "Kizomba, Festa da Raça", um trabalho digno dos maiores elogios".

Em abril do ano passado, com o enredo "Se Todos Fossem Iguais a Você" escrito e aprovado, a Comissão de Carnaval examinou várias opções antes de contratar o carnavalesco - e acabou por se fixar em Ilvamar Magalhães. O trabalho começou imediatamente e, em menos de dois meses, os figurinos estavam todos prontos.

Se alguém ainda tivesse alguma dúvida a respeito da qualidade do trabalho de Ilvamar, essa dúvida desapareceu na noite em que ele levou à reunião da Comissão de Carnaval os figurinos que acabara de desenhar. De tão bonito, alguém comentou: "É como se cada componente de ala fosse um destaque"! Naquela noite, a Comissão de Carnaval teve certeza de haver acertado em cheio.

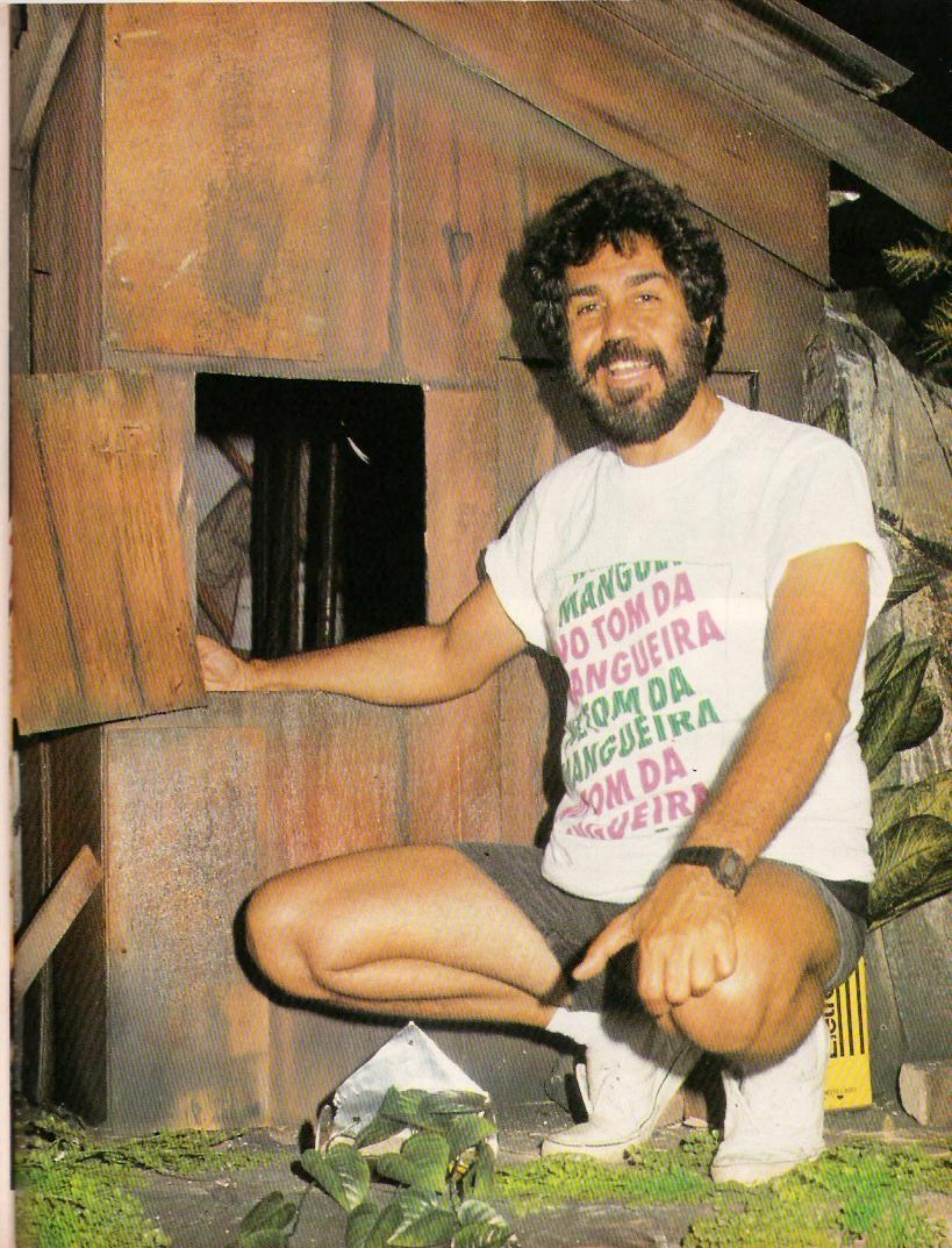
Carioca do Méier, 46 anos, Ilvamar Magalhães é um artista multifacetado. Fora do Carnaval, sua principal atividade profissional é a de pianista. Conhece profundamente, e admira muito, a obra de Tom Jobim, seu compositor predileto. Na noite carioca, onde toca em bares, boates e clubes (tal como Jobim, anos atrás), Ilvamar é respeitado como um músico talentoso e sempre requisitado. Compositor, já fez algumas incursões "meio eruditas", como diz, mas também compõe sambas. Poeta, tem várias letras escritas para músicas que ele mesmo compôs, ou em parcerias com amigos. Autor teatral, tem três peças escritas e uma delas encenada (em 1988), "Uma Aventura no País

dos Sonhos". Cenógrafo e diretor, conhece todos os mistérios da carpintaria teatral. Autodidata, nunca teve professor - nem de piano, nem de desenho, de nada. Aprendeu tudo sozinho, experimentando o próprio talento e observando muito o trabalho dos grandes artistas.

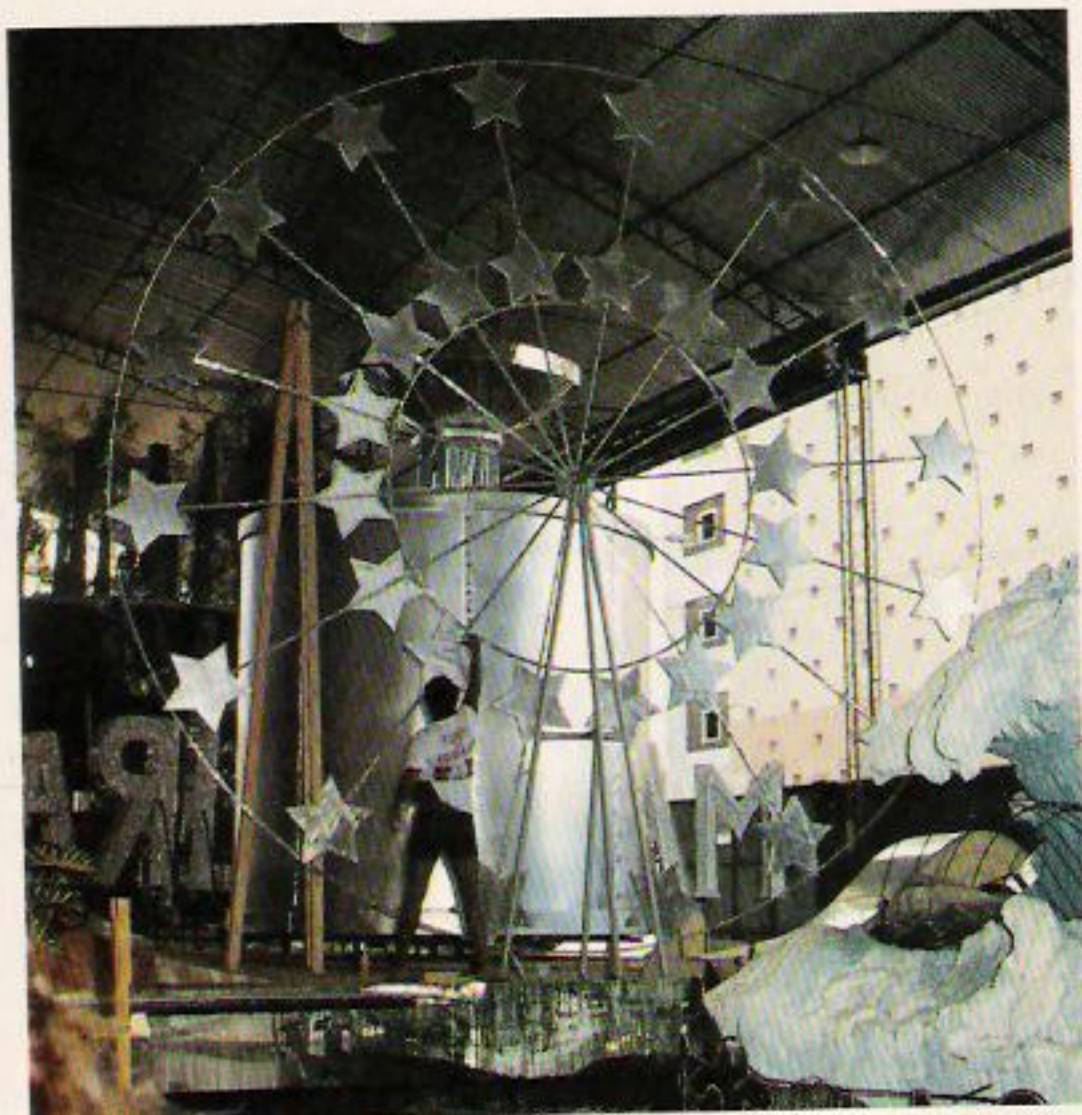
Inclusive daqueles que, como ele, põem a sua arte a serviço da maior festa popular brasileira, o Carnaval. Ilvamar gosta de citar sua admiração por Arlindo Rodrigues, Fernando Pinto, Max Lopes, Joãozinho Trinta, Rosa Magalhães e Renato Lage, embora não possa considerar nenhum deles seu mestre.

Para desenvolver sua arte no Barracão da Mangueira, Ilvamar foi buscar o seu braço direito, o Gaúcho, com quem trabalhara em 87 na Cabuçu, ano em que fizeram "Roberto Carlos". Gaúcho é um artista de grande sensibilidade e um cenotécnico de mão cheia. Tem sempre soluções rápidas, baratas e criativas para todos os problemas que se lhe apresentam - como transformar algodãozinho em rocha e isopor em rebentação do mar.

Com o Carnaval pronto para entrar na avenida, Ilvamar está confiante - "Vamos disputar o campeonato", diz - e só quer uma recompensa: sambar na Marquês de Sapucaí. "Eu, que gosto tanto de Carnaval, há sete anos não consigo brincar porque na hora do desfile estou sempre ocupado com a solução de problemas de última hora", lamenta. Em compensação, este ano pode ser diferente: "Aqui na Mangueira as coisas são mais fáceis porque há mais organização. Está tudo pronto e eu até acho que vai dar para me divertir durante o desfile".

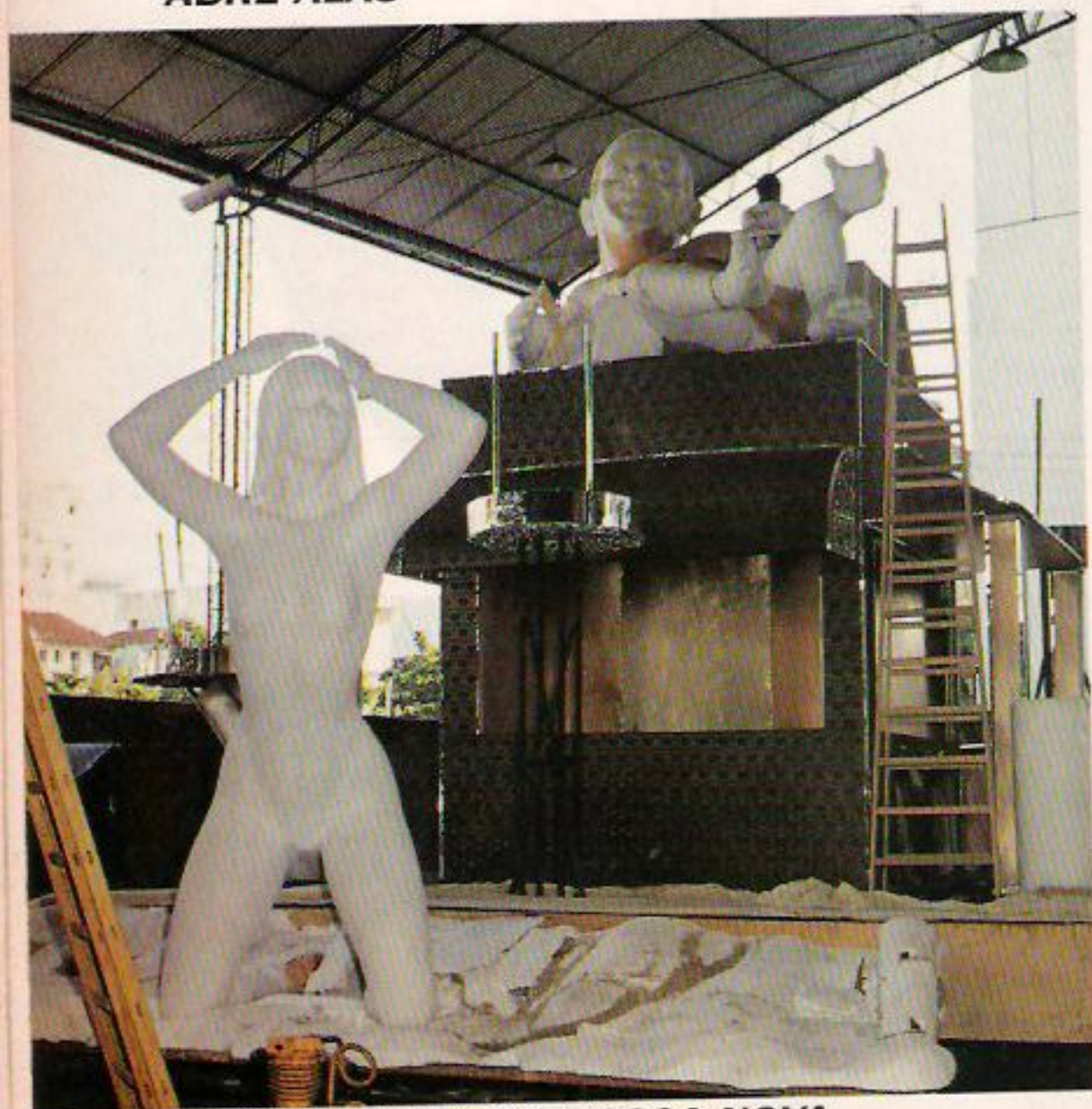


CARNIVAL



ABRE ALAS

AS alegorias estão prontas

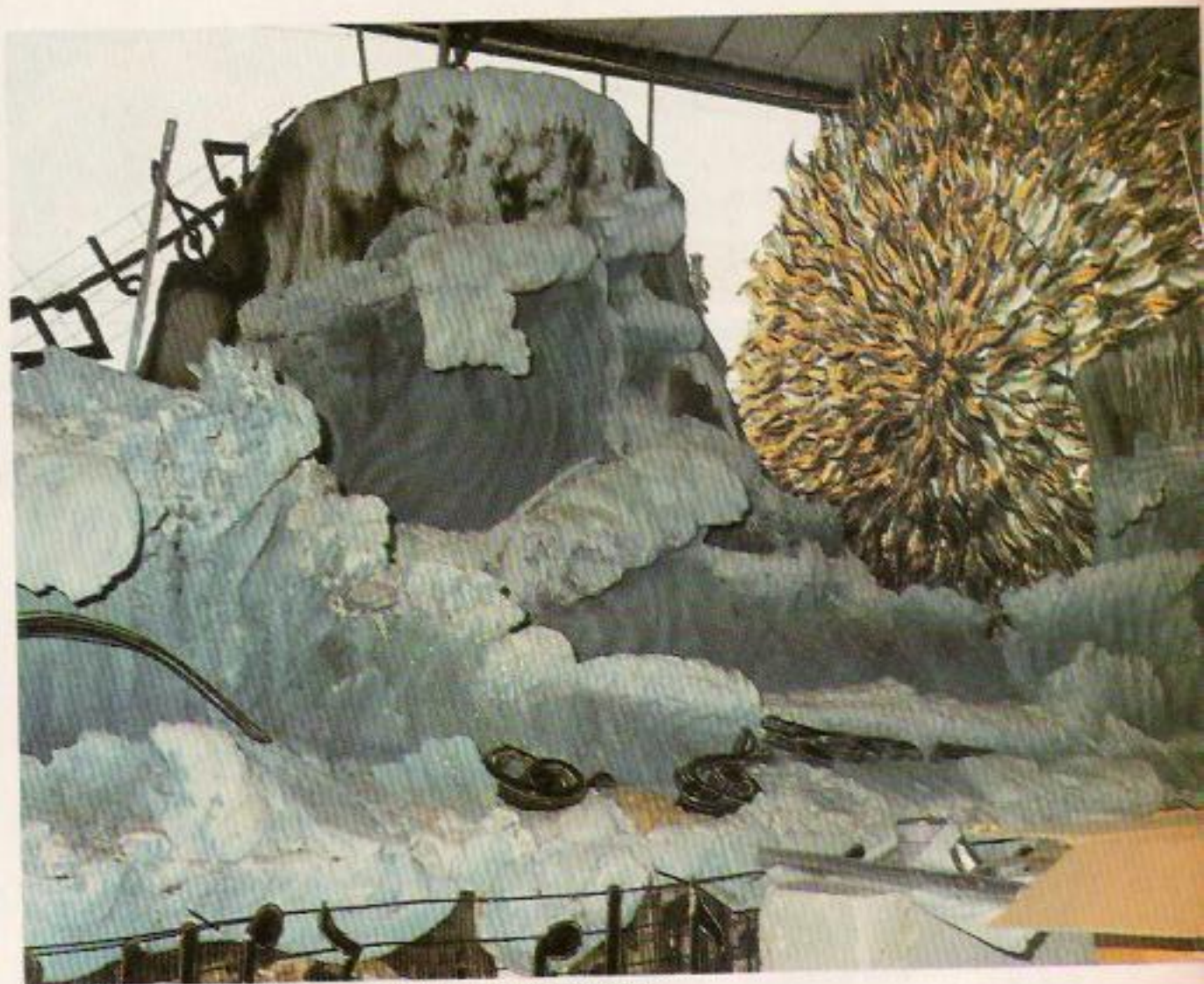


PELOS BARES DA BOSSA NOVA

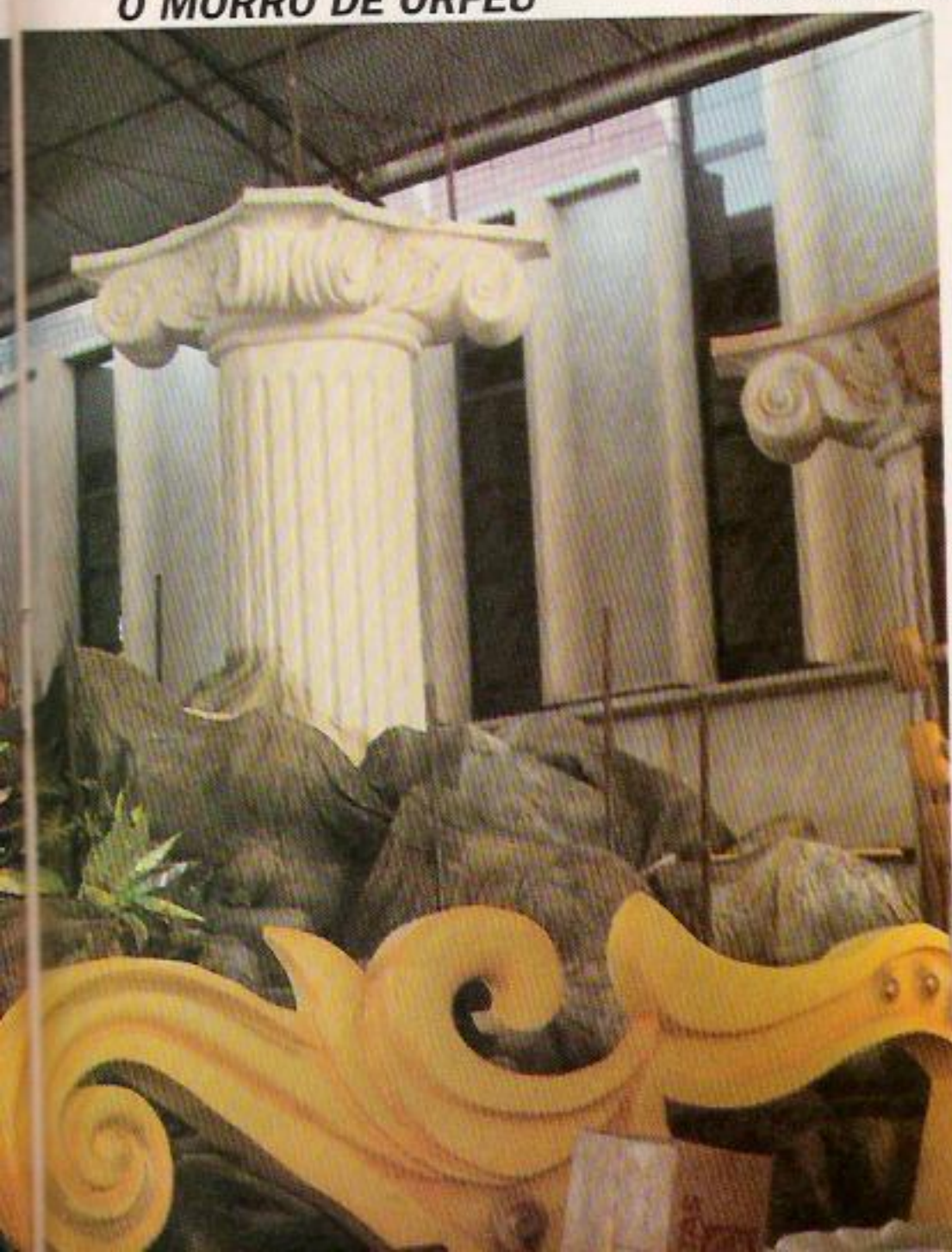




PASSARIM



SINFONIA DO RIO DE JANEIRO



O MORRO DE ORFEU



O CANTO DA NATUREZA



XANGÔ

O APITO BRANCO ESTÁ DE VOLTA

José Carlos Neto

O velho batuqueiro está de volta. O apito mais famoso do samba trilha outra vez no Morro. A Mangueira terá o comando do "seu" Olivério Ferreira, Xangô, para os mais íntimos.

É como se alguém voltasse no tempo. Foi por volta de 1950 que o "seu" Olivério seguiu a Harmonia da verde e rosa pela primeira vez: Tudo aconteceu quando o lendário Cartola deixava o morro se afastando da sua Estação Primeira.

Xangô, inicialmente ficou ao lado de Chico Porrão. Mas depois assumiu tudo. Durante mais de 30 anos ditou normas e regras de Harmonia, não só na Mangueira. Mas de resto em todo samba carioca. O morro todo ficava esperando pelo apito desse orixá que também sabe pagodear.

Em Mangueira é famosa a velha expressão: "Tô pronto. Só falta o Xangô apitar". Olivério Ferreira, hoje, quase setentão, resolveu reviver os tempos idos da Velha Cerâmica (local onde a Mangueira ensaiava até a década de 60) voltando a dirigir a escola em concursos, como se dizia naquele tempo. Para tanto se cuidou. Mandou o doutor dar um geral até mesmo no relógio. Todos nós vamos ter a alegria de vê-lo outra vez "esticando a jibóia na Avenida".

Sou suspeito para falar ou escrever sobre o Velho Xangô. Fui seu aluno desde 1961, em Mangueira. Mas não resisto. Cito Xangô como o mais perfeito exemplo de sambista. Carioca do Estácio "seu" Olivério percorreu todas as escalas para

O mestre outra vez no comando da Harmonia da sua Escola

chegar onde está hoje. No apogeu do samba da sua querida verde e rosa.

Garoto ainda ele já sabia clarear o surdo e tamborim na então Unidos de Rocha Miranda. Com uma breve passagem por Madureira, na Unidos e na Portela, Xangô chegou a Mangueira por volta de 1940. Dizem que ele foi atrás de uma bela cabrocha.

Em Mangueira, Xangô criou fama. Ao contrário de Cartola, que falava manso com as pastoras, e Chico Porrão, que usava do rigor para impor suas ordens, Xangô chegou com banca de grande mioleiro. Possuidor de uma voz marcante e inconfundível, Xangô ganhou logo o respeito e a confiança das pastoras da escola. Ele tratou de criar seu círculo dentro da Velha Mangueira.

Exímio em tudo no samba, ele criou ainda expressões com as quais marcava a sua presença no meio da quadra grande. Nós que acompanhávamos, víamos naquele sambista uma espécie de técnico no

comando do seu time. O time do Xangô eram as pastoras. O seu campo sempre foi a quadra da Mangueira.

Passados todos estes anos, teremos a volta do Velho Mestre. Ele, por certo, encontrará, uma Mangueira diferente. Mais moderna, quem sabe. Tenho a certeza que não haverá dificuldades. Xangô é criativo e sabe das coisas. Líder nato, Xangô saberá comandar a sua velha escola ao melhor estilo de um general estrategista.

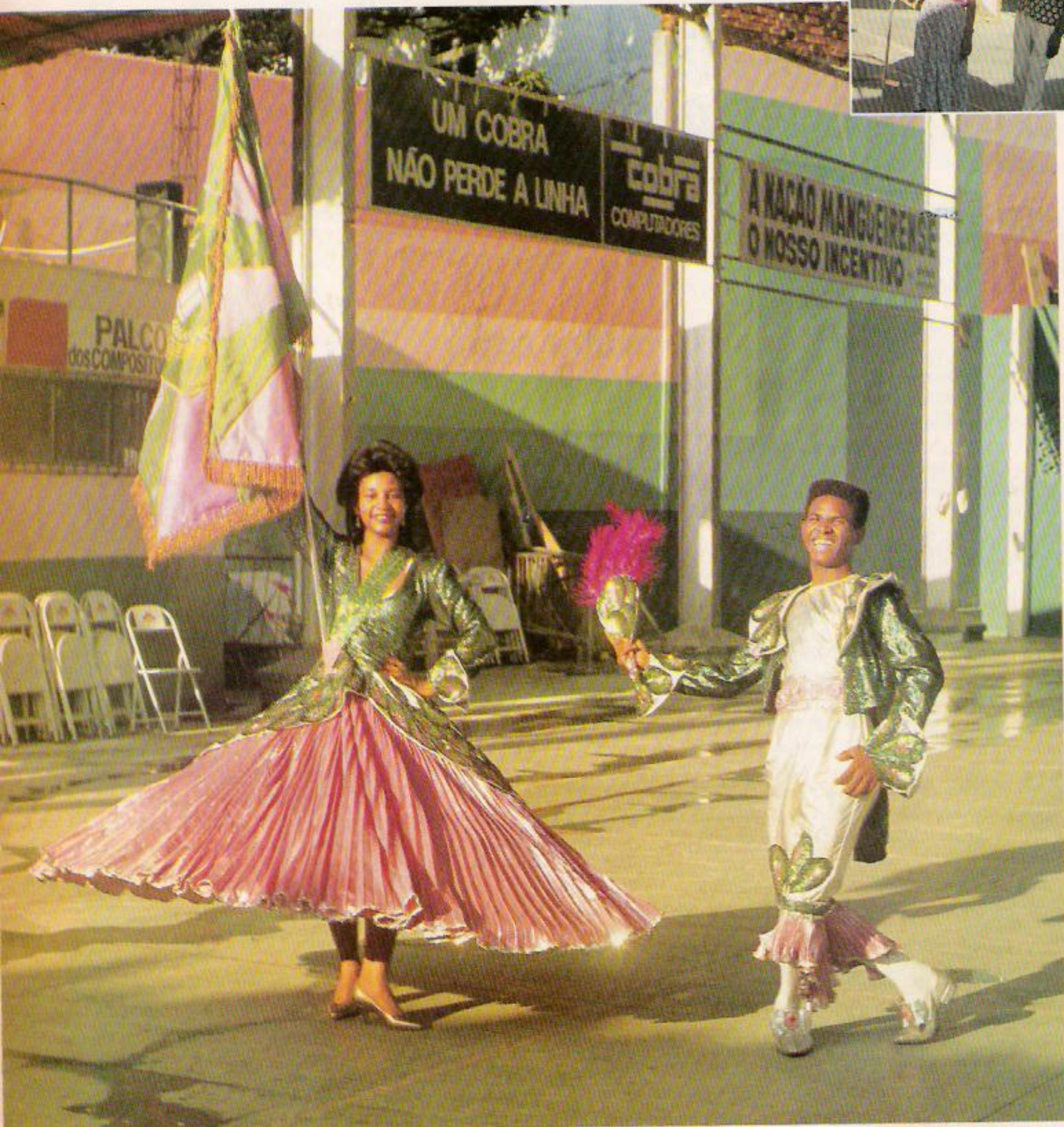
A Harmonia da Mangueira terá o comando dessa personalidade rara do samba carioca. São quase setenta anos de samba nas veias. O público que estará presente na Sapucaí, vai notar uma Mangueira diferente. Por certo mais homogênea. Mais alegre, e com pinta de campeã. Os tamborins no morro estão virando com mais vibração. O seu antigo Mestre vai estar no pedaço. E como sempre vestido com elegância e de apito na boca. O morro da Mangueira descera feliz da vida.

É por isto que já dizem por aí, que neste desfile Xangô e a Mangueira vão pintar o sete.

É a Velha e tradicional Mangueira novamente cantando e sambando sob o comando daquele que gosta de deixar "cavalos comer capim em volta da sua casa" ou então "de não passar manteiga na ventas do gato".

Mestre, voltaste a tempo. A Mangueira aos seus cuidados vai à cidade vencer...

Mangueira de ontem...



Ireléa e Marquinhos ensaiando: atentos aos ensinamentos de Mocinha e Delegado (ao alto).

...hoje e amanhã

Sérgio Cabral

A partir da década de 70, o noticiário de Carnaval, todos os anos, é ocupado pela transferência de sambistas de uma Escola de Samba para outra. As cifras, muitas vezes, atingem índices dignos dessas transações que envolvem os mais famosos jogadores de futebol. É um mestre-sala (ou o mestre-sala e a porta-bandeira, de uma vez), é um diretor de harmonia, é um mestre de bateria ou é um "puxador" (Jamelão não gosta deste palavra. Ele se recusa a ser um "puxador": é cantor de samba) que mudam de cores, como se nenhum vínculo de caráter emocional existisse entre eles e a suas Escolas de Samba.

Se for feito um levantamento dessas notícias, nos últimos anos, chegaremos, provavelmente, à casa das centenas delas. E lanço um desafio aos que se derem ao trabalho de reler tal noticiário: duvido que encontrem uma — umazinha só — linha dando conta de que a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira "contratou" sambistas de outras escolas para reforçar as suas gloriosas cores verde e rosa. A Mangueira não entrou, não entra e não entrará nesse comércio. Ela não precisa. Os craques da escola são feitos em casa.

Por isso, chamo a atenção do público da imprensa e dos integrantes da comissão julgadora para o casal de mestre-sala e porta-bandeira que defenderá a escola, no Carnaval de 1992, Marquinhos e Irléa. São dois jovens de 16 anos, mas com a experiência de veteranos. Conversem com eles e verão que estão conscientes não só da honrosa missão de proporcionar a nota máxima para a Mangueira. Querem mais: querem preservar criadoramente um dos aspectos mais bonitos de um desfile de Escola de Samba, que é a dança do casal que conduz a bandeira. Irléa sabe que lhe cabe carregar o belo pavilhão da Escola com seriedade e elegância. Marquinhos aprendeu que uma tradição vinda dos velhos ranchos e incorporada às Escolas de Samba confere ao mestre-sala a tarefa de proteger a porta-bandeira, homenageando-a com arte e invenção. Mais do que

ninguém, absorveu aquele ensinamento da vitoriosa porta-bandeira Wilma de que "o bom mestre-sala deve cuidar da porta-bandeira com a mesma delicadeza com que um beija-flor aborda a flor".

Eles sabem de tudo isso porque, modestia à parte, são da Mangueira, como são da Mangueira todos os sambistas que desempenham missões importantes na escola. São da Mangueira, são filhos, netos e bisnetos de mangueirenses, porque a história da Estação Primeira é uma história que passa de pais para filhos, desde 1929. Ao lado de veteranos como Dona Zica (viúva de Cartola), de Dona Neuma (filha do primeiro presidente da Mangueira, Saturnino Gonçalves), de Carlos Cachaça (nascido no Morro da Mangueira em 1902) e de outros personagens que defendem o samba mangueirense há tantos anos, estão os seus filhos, seus sobrinhos, seus netos e seus bisnetos. O Bira Show, da bateria, é filho do extraordinário compositor Padeirinho, aquela pastora é descendente da pastora Nininha, aquele passista é sobrinho de Zagaia, naquela ala estão parentes de Pelado, sobrinhos de Preto Rico, primos de Jurandir, familiares de Hélio Turco, a família de Alvinho etc.

A Mangueira sempre foi assim. Houve uma época em que o genial Cartola, sentindo-se cansado, resolveu deixar para outros as suas tarefas na Escola. Os companheiros mangueirenses porém, não gostaram da idéia e pediram que ele continuasse contribuindo com o seu talento, com a sua liderança, com a sua dignidade e com o seu prestígio. Não teve outro jeito, senão responder com um samba que poderia ser um dos hinos da Estação Primeira, de tão bonito e de tão verdadeiro:

*"Todo tempo em que viver
Só me fascina você, Mangueira
Guerreei na juventude
Fiz por você o que pude, Mangueira
Continuam as nossas lutas
Podam-se os galhos*

*Colhem-se as frutas
E outra vez se semeia
E, no fim deste labor,
Surge outro compositor
Com o mesmo sangue na veia"*

Delegado, o melhor mestre-sala de toda a história das Escolas de Samba, tem acompanhado a carreira de Marquinhos com a emoção de quem se olha no espelho do tempo e se vê, jovem e elegante, bailarino e mangueirense, e, com o mesmo sangue na veia, mostrando a todos a verdadeira dança do mestre-sala. Mocinha, por sua vez, acompanha Irléa. Antes, quero falar da Mocinha. Para mim ele tem a cara da Mangueira. Não há nada mais bonito, mais mangueirense, do que a sua coreografia com a bandeira da Escola. Tudo isso ela está passando para Irléa que, ainda não tinha 10 anos, já dançava como uma deusa. E Mocinha sorri feliz, quando vê Irléa rodando, bailando, e diz:

— Que bonito!

Marquinhos e Irléa, portanto, não são apenas dois. Representam uma comunidade, uma história, uma tradição. "São 300, 350", como no verso de Mário de Andrade. Meninos como eles criaram a Estação Primeira, há 63 anos, e meninos como eles estão desfilando na Escola de Samba Mangueira de Amanhã. Assim, quem olhar para a dança dos dois jovens, verá, junto com eles, não apenas Delegado e Mocinha, tratando-os como se fossem filhos, mas os meninos da Mangueira de todas as épocas. Eles desfilam pela Escola porque são da Escola e aprenderam na Escola. A Mangueira não compra feito. Ela respeita o verdadeiro sentido da expressão "Escola de Samba", criada pelos sambistas da pioneira Deixa Falar. Aprende-se na Mangueira, ensina-se na Mangueira — na realidade, uma Escola de Samba, ninguém tem dúvida. Uma Escola de Samba que, afinal, é uma grande família.

Acho que é por isso que, toda a vez em que a gente vai à Mangueira, se sente em casa.

CARNAVAL



Um samba e três histórias



Marília T. Barboza

Era o ano de 1959. Hélio Rodrigues Neves tinha 24 anos. Branco, franzino, descendente de libaneses, trabalhando em armarinho e de casamento marcado para aquele ano, encaixava perfeitamente no codinome Hélio Turco. Só que os deuses pagãos lhe reservaram outro destino. Naquele mesmo ano, Hélio, juntamente com dois outros compositores mangueirenses, Pelado e Cícero, venceu o concurso para samba-enredo da Mangueira, com o tema "Brasil em Quatro Épocas".

No ano seguinte, com os mesmos parceiros, Hélio Turco novamente levou um samba à avenida. Desta vez, entretanto, a Mangueira foi campeã. E em 61 também. Em 63, 64 e 65 a história se repetiu. Em 67, a explosão: Com Darcy da Mangueira, Hélio compôs "O Mundo Encantado de

Monteiro Lobato", obra prima do gênero. Em 68, Hélio e Darcy repetiram a dose. Era a glória!

Em 1969, Jurandir Pereira da Silva, que já fora campeão em 66 com o enredo Villa Lobos (com Cláudio), uniu-se a Hélio Turco, dando início a uma das mais férteis parcerias da história do samba-enredo. Em 69 e 71 compuseram "Mercadores e suas Tradições" e "Modernos Bandeirantes", ambos com Darcy.

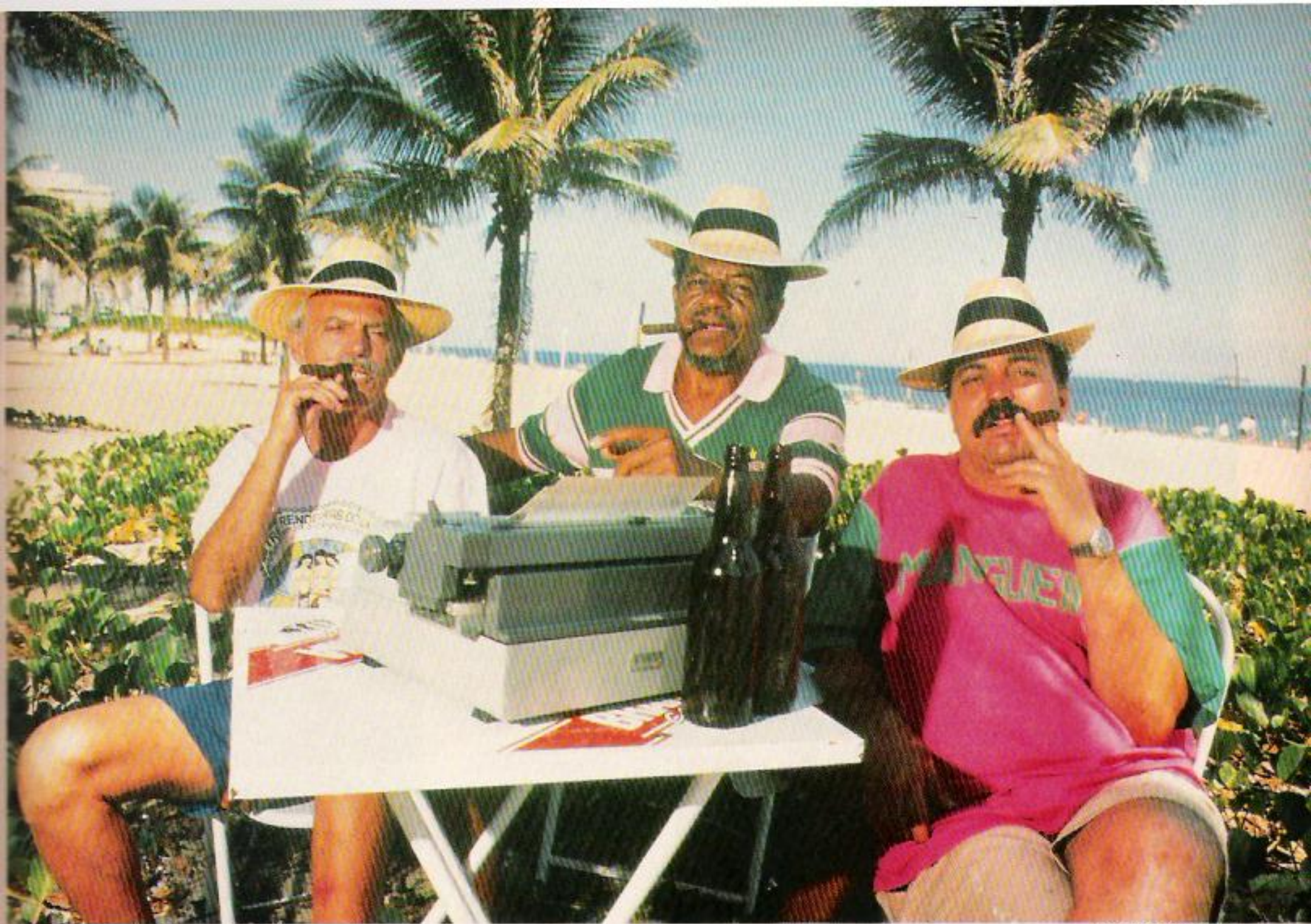
Depois de um período de afastamento de Hélio, o retorno glorioso da dupla em 1984, com "Yes, Nós Temos Braguinha". Em 85, novamente com Darcy, o brilho de "Chiquinha Gonzaga".

Jurandir, um mulato elegante, exerce, fora do Carnaval, a profissão de caldeireiro do Hospital Souza Aguiar. Durante o período em que Hélio Tur-

co esteve, por motivos pessoais, longe das paradas, foi campeão com Rubens, no ano do cinquentenário da Escola, com os "Os Carroceiros do Imperador" (1978) e em 1981, ao lado de Comprido e Arroz, na homenagem ao presidente JK.

O ano de 1988 foi um momento vital para a reflexão sobre a importância da cultura africana dentro do contexto sócio-cultural brasileiro. E também para o suboficial do Exército Alvaro Luiz Caetano, na época com 38 anos. Alvinho, compositor nas horas vagas, acalentava o sonho de ver um samba de sua autoria entoado por milhares de vozes na passarela do samba. Sonhar é proibido? Claro que não.

Pois foi o enredo "Cem anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão" que fez o sonho desse branco de alma negra transformar-se em realidade.



Hélio Turco, Jurandir e Alvinho: um trio muitas vezes campeão.

Alexandre Goncalves / Abril Imagens

Recebido de braços abertos pela dupla Hélio Turco e Jurandir, Alvinho a transformou em trio, um trio imbatível na nação verde e rosa. São deles também os sambas de 1990 — “Sinhá Olimpia”, e de 1991 — “As três Rendeiras do Universo”.

E, finalmente este ano, o enredo “Se Todos Fossem Iguais a Você”, homenagem justa ao homem que consegue se afinar com o Brasil e o mundo em qualquer tom — Tom Jobim — também vem acalentado por um samba de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho.

Este samba é, hoje, o portador dos anseios e das esperanças dos milhares de mangueirenses espalhados pelos quatro cantos do universo, no resgate dos louros a que a Estação Primeira/Derradeira Estação sempre fez jus.

É um samba simples, curto, fácil de cantar, com um refrão forte, adaptado

ao momento presente. Mas é um “samba”, disse os seus autores não abrem mão. A Mangueira não faz marcha-enredo. Que opinem os técnicos!

Hélio Turco, Jurandir e Alvinho nasceram na Mangueira. Hélio e Alvinho continuam residindo na comunidade. Jurandir vive na Vila Kennedy, que nada mais é do que uma filial da Mangueira. O primeiro já levou à avenida dezesseis sambas, posição jamais alcançada por outro compositor, não só na sua escola, mas em qualquer das outras. Hélio superou em número de sambas campeões até a marca do insubstituível Silas de Oliveira. Jurandir já venceu onze vezes. E Alvinho quatro.

Os três continuam pobres. Hélio afirma que, cada vez que cai uma chuva pesada sobre o Rio de Janeiro, teme que o teto de sua casa desabe.

Nenhum dos três jamais compôs um samba contra a Mangueira. E afirmam que, por todo o sempre, seus passes jamais estarão à venda.

São esses os ícones que a nossa escola festeja e que modelam o comportamento das gerações que se sucedem. Como Saturnino Gonçalves, como Cartola, como Aluizio Dias, que se foram. Como Mocinha, Delegado e Carlos Cachaca, que graças aos céus estão aqui. E como Hélio Turco, Jurandir e Alvinho, ainda jovens, mas já louvados por todos nós, pois em Mangueira, a ordem é essa há muito tempo, registrada em samba por Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito: “se alguém quizer fazer por mim, que faça agora”.

É por essas e outras que a Mangueira “É tão grande, que nem cabe explicação...”.



Alcione e seus pupilos: o samba ajudando a construir a cidadania.

Em sua história de 64 anos de glórias, a Mangueira acaba de conquistar mais uma — talvez a maior, a mais importante de todas. Não é mais um campeonato no desfile das Escolas de Samba, nem tampouco mais uma medalha ou um recorde batido por um dos seus atletas da Vila Olímpica. O novo título, que enche de orgulho a comunidade mangueirense, foi atribuído pelo Juiz de Menores do Rio de Janeiro, Siro Darlan: hoje a Mangueira tem o mais baixo índice de menores infratores do Rio.

Isso é uma conquista extraordinária!

Um título como este deveria ser comemorado todos os dias da semana, todas as horas do dia. É o resultado de um trabalho sério, pertinaz, competente, dedicado, de um grupo enorme de pessoas interessadas em melhorar as condições de vida de centenas, milhares de crianças carentes, para as quais são proporcionados saúde, alimentação, educação, ensino profissionalizante, prática de esportes, sociabilidade,

Lições de vida

Mangueira cuida de suas crianças e dá um exemplo ao país

companheirismo. É uma escola de vida.

Nos tempos de hoje, em que se vêem crescer nas grandes cidades, inclusive no Rio, os problemas da delinquência infanto-juvenil, o título outorgado pelo Juiz de Menores é um prêmio tão importante quanto ganhar 10 carnavais seguidos. Ou talvez até maior.

Há um conjunto de ações, em vários níveis, que contribuem para tão significativo resultado. Essas ações, igualmente importantes entre si, são as seguintes:

Vila Olímpica — O seu sucesso não tem paralelo no Rio de Janeiro. Comandado pelo professor Francisco de Carvalho, o Chiquinho, tem obtido conquistas impressionantes. Hoje a Mangueira é Tri-Campeã Estadual Juvenil e Infanto-Juvenil, Tri-Campeã Brasileira Infanto-Juvenil e Bi-Campeã Brasileira Juvenil, em Atletismo. Diretor de Esportes da Mangueira, Chiquinho tem desenvolvido um trabalho que ultrapassa, e muito, o terreno



meramente esportivo, onde aliás é — como os títulos demonstram — bem sucedido. A face mais brilhante desse trabalho está no seu conteúdo social, pela capacidade demonstrada em atrair a criançada para a prática esportiva e ensinar-lhe os fundamentos da cidadania.

O projeto esportivo é patrocinado pela Xerox do Brasil, uma das várias empresas preocupadas com a prestação de serviços à comunidade.

Mas, o conjunto da Vila Olímpica — dotado de ginásio poliesportivo, pista de atletismo e campo de futebol — inclui ainda o Posto Médico, mantido pela Golden Cross, e que oferece assistência não apenas aos atletas, como a toda a comunidade. Ali são prestados serviços de exames laboratoriais, odontologia, ginecologia, ortopedia, pediatria e clínica geral. Graças a esse trabalho, os índices de moléstias em geral, especialmente as que afetam as crianças, baixou significativamente nos últimos meses.

Camp — É o Centro de Proteção Profissional ao Menor, que tanto deve a essa mulher extraordinária que é Alice de Jesus Correa, a Tia Alice. Reunindo turmas de 60 adolescentes, em média, oferece ensino profissionalizante, educação moral e cívica e de higiene, e prepara os jovens para o seu primeiro emprego. Centenas deles saíram de lá para trabalhar em grandes empresas e escritórios, e muitos já iniciaram pra valer a sua carreira profissional.

Quem já esteve presente a uma festa de formatura dessas turmas de novos cidadãos brasileiros dificilmente conseguiu conter a lágrima. É emocionante ouvir, como foi ouvido no ano passado, um desses meninos discursar em nome dos colegas e dizer: “Eu pensava que nunca ia ter uma chance de ser alguém na vida. Eu achava que estava condenado à marginalização. Este curso mudou tudo. Já tenho um emprego. Já sou alguém. O resto agora depende de mim”.

Mangueira do Amanhã — Fundado em 1987, o Grêmio Recreativo e Cultural Mangueira do Amanhã completa o trabalho social da Vila Olímpica e do Camp de forma notável. Sua criadora e principal incentivadora, a cantora Alcione, dedica mais tempo às crianças da sua escola

mirim do que aos seus próprios interesses pessoais e profissionais. Alcione é a mãe, a irmã mais velha, a tia, a madrinha, a amiga, a professora — tudo em uma única pessoa — que as crianças admiram e respeitam.

Este ano a Mangueira do Amanhã, com 2.500 componentes, três carros alegóricos e dois tripés, desfila o enredo “Mangueira, Berço do Samba de Ontem, Hoje e de Amanhã”. Vai ser de arrepiar. Logo depois da Comissão de Frente, um bloco de sujeitos lembra os Arengueiros — origem da própria Mangueira, em 1928. Uma escultura mostra o inesquecível Mestre Waldomiro, que estará de costas para o desfile, mas de frente para a Bateria. Haverá ainda homenagens a Neide, Mocinha e Delegado, três glórias mangueirenses, e aos “Sete Homens de Ouro”, uma referência aos sete sambistas que fundaram a Estação Primeira. Quem vem no final do desfile, abençoando a criançada, é a Velha Guarda da Mangueira, orgulhosa de ver a continuidade da sua obra.

Paralelamente às atividades da Escola, a Mangueira do Amanhã desenvolve um projeto novo, e que deverá estar definitivamente consolidado ao longo deste ano de 1992: é a Escola de Música, coroamento feliz para essa obra social sem precedentes desenvolvida pela comunidade mangueirense.



Vila Olímpica: um projeto que deu certo.

XEROX

UM PROJETO QUE
PRECISA SER
COPIADO.

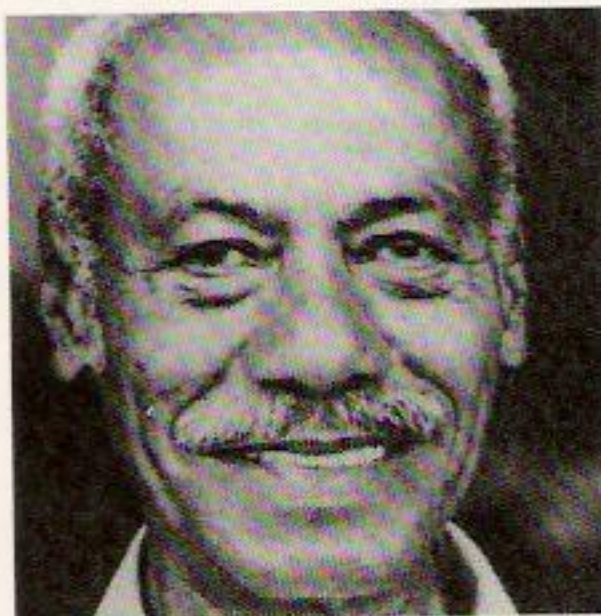
GOLDEN CROSS

ASSISTÊNCIA MÉDICA
(NA MANGUEIRA)
EM PRIMEIRO LUGAR.

SHARP

AJUDANDO O FUTURO
DA MANGUEIRA.

APÓIAM TAMBÉM
O PROJETO
VILA OLÍMPICA



Aloísio: parceiro de Cartola

ALOÍSIO DO VIOLÃO

Jamelão vai sentir falta. Todos vão sentir a ausência do Aloísio do Violão quando a Escola estiver para entrar na avenida. Era ele, com aquele ouvido privilegiado e com o perfeccionismo que sempre o caracterizou, quem dava o tom certo não apenas para Jamelão, mas para a Escola inteira.

Aloísio Dias, o Aloísio do Violão, morreu em 11 de junho de 1991, quatro meses antes de completar 80 anos de idade. Deixa uma obra musical riquíssima, de mais de 120 composições. Teve parceiros à altura do seu talento, como Cartola, Carlos Cachça, Geraldo Pereira, Pimenta... foram tantos! Compôs com Cartola essa maravilha que é "Ordenes Farei", gravada pelo parceiro. Também com Cartola, fez "Não", outro momento de rara inspiração. Aloísio pertencia a uma estirpe de grandes artistas para os quais a expressão poética é tão mais genial quanto mais simples é a sua linguagem. Coisa que só os gênios conseguem.

Doce, meigo, educado, gentil, carinhoso, sorria com os olhos e falava baixo. Mas todos sempre o ouviam, porque quando Aloísio tinha algo a declarar um silêncio respeitoso nascia ao seu redor. Era assim nas reuniões da Velha Guarda, que presidiu nos últimos seis anos. Sua biografia de mangueirense é tão extensa que seriam necessárias muitas páginas para registrá-la. Foi um dos fundadores da Ala dos Compositores, e seu tesoureiro. Mas, muito mais importante que esse cargo foi o brilho do seu talento, que emprestou à Ala e dedicou à sua Verde e Rosa.

Humilde, não gostava do foco dos refletores. No dia 3 de março de 91, quando algumas personalidades mangueirenses foram à casa de Tom Jobim, convidá-lo oficialmente, Seu Aloísio estava lá. Levou o seu inseparável violão, acompanhou Jobim e depois foi a vez do maestro, ao piano, acompanhá-lo. Os gênios se entenderam às mil maravilhas.

Zelador aposentado da rede escolar estadual, Aloísio Dias deixa seis filhos e sete netos do primeiro casamento. Do segundo, com Zélia Lima Coutinho, a Tia Zélia, deixa um enorme vazio e uma grande saudade. "Eles estavam casados há nove anos, oito dos quais morando na Mangueira. Homem de hábitos simples, Aloísio gostava de escrever, de ler e de fazer palavras cruzadas. Na véspera de sua morte deu os últimos retoques no samba que acabara de compor para concorrer no concurso de Samba de Enredo deste ano.

O samba de sua autoria de que mais gostava era "Meu Amigo Violão", outra preciosidade. Deixa ainda muitos sambas inéditos, como o belíssimo "A Idade Não Tem Limite", que Zélia, também ela sua parceira, pretende divulgar. Isso certamente compensará, em parte, a dor da sua perda.

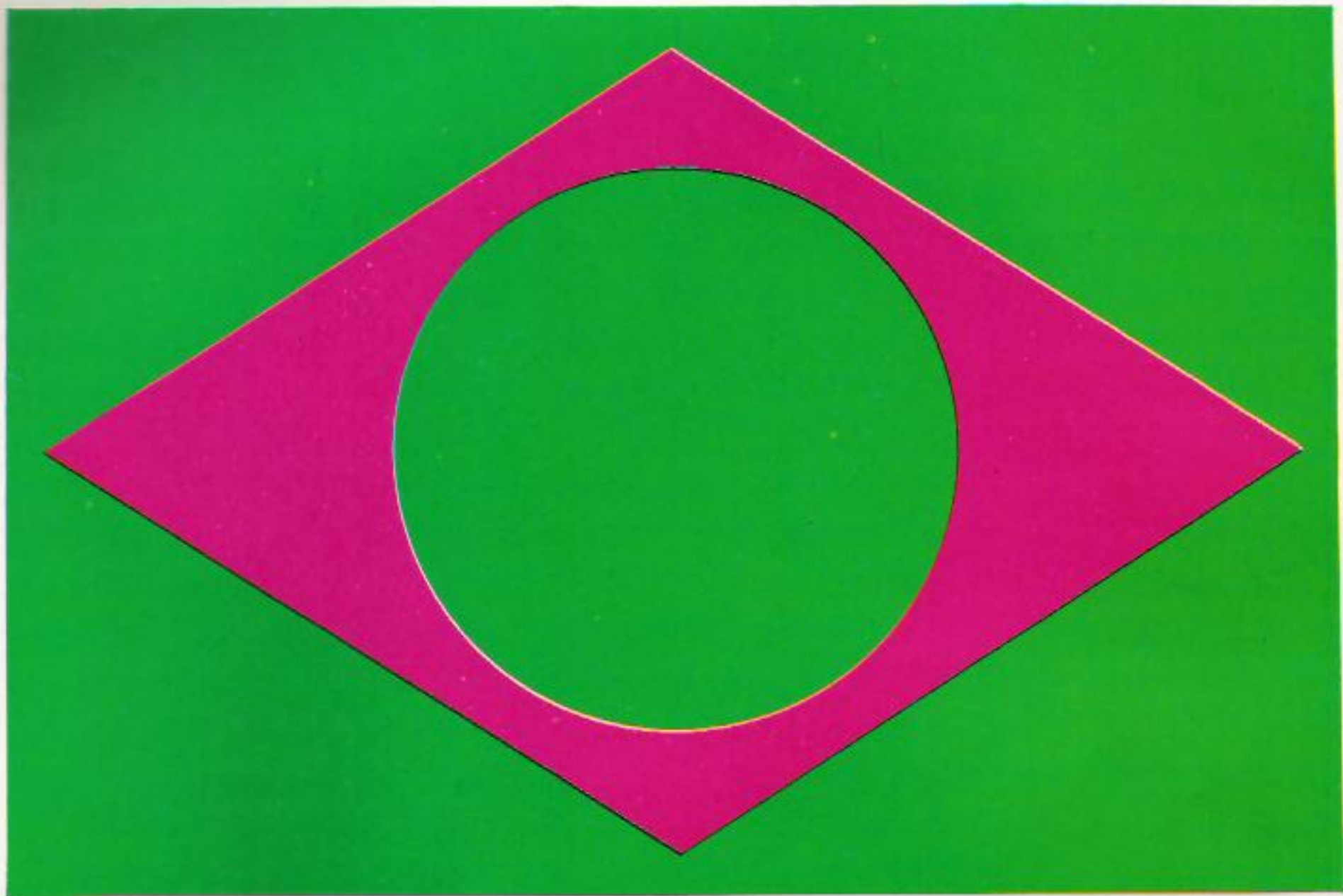
Sem Aloísio do Violão, o samba, a Mangueira e a música popular brasileira ficaram mais pobres.

JOÃO COCADA

Foi em sua casa, no Buraco Quente, que a Mangueira foi fundada, em 1928. Seu pai, Euclides, foi um dos fundadores. "Ele, como o pai, pertencia ao Bloco dos Arengueiros, a semente da verde e rosa. João Roberto dos Santos, o João Cocada, viveu os mais de 80 anos de sua vida sempre ligado à Estação Primeira.

Mesmo depois que mudou (morava, ultimamente, na Vila Kennedy), João Cocada jamais deixou de frequentar a Mangueira. Durante décadas desfilou na Escola, quase sempre com a Diretoria, mesmo que dela não fizesse parte. Sua mulher, Amélia, pertencia à Ala das Baianas.

Sua paixão, depois do samba, era o futebol. Jogou durante muitos anos em equipes mangueirenses e criou fama de craque. Amável, bom conversador, deixa uma legião de amigos e admiradores. Mangueira chora a sua perda.



**O BRASIL E'
VERDE • E • ROSA**

Zinzinho

432 CDs

2367 DISCOS DE VINIL

358 CASSETES

1 CD-X40B SHARP

Finalmente um aparelho de som onde
todas as suas emoções ficam preservadas
com muito mais potência,
pureza e nitidez.

Discos de vinil, CDs, fitas cassetes; todo o seu
passado e o seu presente num aparelho
de som que já chegou no futuro.



CD-X40B STEREO MUSIC SYSTEM

•
CD Player Programável

•
Duplo Deck com High Speed Dubbing

•
Toca-Discos com Cápsula Magnética

•
Sintonia Digital de AM/FM

•
Controle Remoto

•
240 watts (PMPO)

SHARP
FAZ PARTE DA SUA VIDA

